

*A Mulher Albanesa,
Uma Grande Força
da Revolução*



“Proletários de todo o mundo, uni-vos!”

Karl Marx e Friedrich Engels





UNIÃO DAS MULHERES DA ALBÂNIA

**A MULHER ALBANESA,
UMA GRANDE FORÇA DA
REVOLUÇÃO**

1ª Edição: 1978

2ª Edição: 2024



"PROLETÁRIOS DE TODO O MUNDO, UNI-VOS!"

A cópia ou distribuição deste documento é livre e indefinidamente garantida nos termos da GNU

Free Documentation License © 2024.

TÍTULO ORIGINAL EM INGLÊS

"The Albanian Woman — A Great Force of the Revolution"

The "8 Nëntori" Publishing House, Tirane, 1978.

Recuperação, Tradução, Edição, Capa e Diagramação

Thales Franco Sellberg Caramante

Tradução de **Thales Caramante** (2024) recuperada do livro *The Albanian Woman — A Great Force of the Revolution* publicado pela editora albanesa "Casa de Publicações 8 Nëntori" em 1978. Foram feitas adaptações para as normas linguísticas utilizadas no Brasil.

FICHA CATALOGRÁFICA

N000 União das Mulheres da Albânia (BGSB)

A Mulher Albanesa, Uma Grande Força da Revolução/União das Mulheres da Albânia (BGDH) – 1ª Edição – Mogi das Cruzes (SP): Publicação Livre, 2024, 80 páginas, figuras e fotografias, 16x23cm.

Tradução do Inglês

Edição anterior publicada em Tirana, Albânia, 1978.

1. Comunismo. 2. Socialismo. 3. Marxismo-Leninismo. 4. Feminismo. 5. Luta de Classes. 6. Revolução. 7. Mulheres. 8. Albânia. 9. Ciências Sociais. I. *Título*. II. *Assunto*. III. *Autor*.

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Socialismo e Temas Relacionados: Comunismo, Marxismo-Leninismo e Movimento de Mulheres.
2. Ciência Política: Socialismo, Comunismo, Marxismo-Leninismo e Feminismo.
3. Feminismo: Educação Popular, Formação Política, Marxismo-Leninismo e Feminismo Marxista.

SUMÁRIO

Introdução.....	7
· A Constituição da República Popular Socialista da Albânia Sobre a Mulher.....	9
· A Luta Pela Completa Emancipação da Mulher é Parte Integrante da Luta Pela Construção do Socialismo.....	11
· A Lenda da Inferioridade da Mulher e a Nossa Realidade	15
· Uma Lutadora Ativa Pela Libertação do País e Pela Defesa da Pátria Socialista.....	21
· A Mulher e Sua Contribuição Artística	25
· A União das Mulheres da Albânia Foi Fundada no Fogo da Guerra.....	29
· Os Dispositivos Legais São Colocados na Prática	33
· A Emancipação das Mulheres e Como Nós a Entendemos.....	35
· A Mulher em Nossos Dias	39
· A Completa Emancipação da Mulher é Realizada no Contexto da Revolução Socialista	43
· Entre as Futuras Tratoristas	47
· As Mãos de Ouro e os Corações Valentes	49
· Informes Para Hoje e Para o Amanhã.....	53
· O Monólogo da Voluntária na Construção de Uma Ferrovia	57
· Compañera Albanesa.....	61
· A Figura da Mulher nas Canções Folclóricas do Distrito de Gjirokastër.....	69

INTRODUÇÃO



UMA DAS GRANDES REALIZAÇÕES DA REVOLUÇÃO SOCIALISTA NA ALBÂNIA FOI o fortalecimento do papel da mulher como uma força ativa equiparável à do homem na construção da nova sociedade. Os desafios enfrentados pelas mulheres são abordados neste contexto, intrinsecamente ligados a todas as outras questões práticas, econômicas e sociais.

As lendas e a história do nosso povo refletem verdadeiramente a importância da figura da mulher albanesa ao longo dos séculos. Em diferentes épocas, grandes artistas, escritores e acadêmicos se inspiraram na figura da mulher albanesa. Em momentos cruciais da história de nosso povo, apesar da opressão das leis rigorosas, regimes e religiões, as mulheres romperam as correntes e, lado a lado com os homens, lutaram pela liberdade e pela pátria, empunhando a espada e o fuzil.

Contudo, um novo século trouxe consigo a revolução socialista e um dirigente brilhante, o Partido Comunista. Instrumento essencial e necessário para libertar completamente as mulheres. E as mulheres demonstraram que mereciam a confiança do proletariado e de sua vanguarda, especialmente durante a Guerra de Libertação Nacional, na qual lutaram com grande bravura.

Os anos de edificação do socialismo na Albânia testemunharam a emergência das energias colossais da mulher albanesa como uma grande força revolucionária. Ela está presente em todos os campos da vida política, econômica e social. Sua opinião e seu trabalho criativo são tão significativos quanto os dos homens. Na Albânia, as mulheres são operárias nas fábricas, agrônomas nas cooperativas agrícolas, mas também são ministras, cirurgiãs, advogadas, educadoras em jardins de infância, membros do Comitê Central do Partido do Trabalho da Albânia (PTA), deputadas da Assembleia Popular e motoristas de trator. Através da luta e do trabalho, todos os mitos de sua inferioridade em relação aos homens foram desmantelados. Sua consciência social foi ampliada e elas estão progredindo firmemente

em direção à sua completa emancipação, alcançada apenas no âmbito da revolução socialista, apenas em um estado socialista, onde a ditadura do proletariado é a ordem vigente.

O partido marxista-leninista, o Partido do Trabalho da Albânia, é a luz que guia as mulheres em direção a novas perspectivas de progresso. As mulheres albanesas têm orgulho de sua pátria socialista e são eternamente gratas ao PTA, e ao seu amado dirigente e professor, o camarada Enver Hoxha.

Esta brochura apresenta uma série de materiais da imprensa de nosso país: discursos, conversas, relatórios e documentos diversos, que proporcionarão ao leitor estrangeiro uma visão dos esforços e conquistas das mulheres na Albânia socialista em sua jornada rumo à emancipação.

A CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA POPULAR SOCIALISTA DA ALBÂNIA SOBRE A MULHER



ARTIGO 40: Todos os cidadãos são iguais perante a lei. Nenhuma restrição ou privilégio é reconhecido sobre os direitos e deveres dos cidadãos em razão de sexo, raça, nacionalidade, educação, posição social e situação material.

ARTIGO 41: A mulher, libertada da opressão política e da exploração econômica, como uma grande força da revolução, participa ativamente da construção socialista do país e da defesa da Pátria. A mulher desfruta de direitos iguais aos do homem no trabalho, no salário, nas férias, na previdência social, na educação, em toda atividade político-social, bem como na família.

ARTIGO 48: A mãe e o filho desfrutam de solicitude e proteção especiais. A mãe tem direito a licença remunerada antes e depois do parto, e o Estado tem a obrigação de abrir maternidades, creches e jardins de infância para as crianças.

A LUTA PELA COMPLETA EMANCIPAÇÃO DA MULHER É PARTE INTEGRANTE DA LUTA PELA CONSTRUÇÃO DO SOCIALISMO



O ÚLTIMO PLANO QUINQUENAL FOI MARCADO POR UM RÁPIDO DESENVOLVIMENTO em todos os setores da construção socialista. Notavelmente, os avanços na luta pela completa emancipação das mulheres em nosso país foram ainda mais significativos. O partido, em seu trabalho, não apenas concentrou-se em acabar com elementos reacionários e limpar os resquícios do passado, mas também dedicou atenção especial à adaptação das mulheres aos novos valores da sociedade socialista. Este processo será continuado e aprofundado no futuro próximo.

A participação das mulheres no trabalho social produtivo, crucial para sua emancipação econômica, política e ideológica, é considerada amplamente resolvida em nosso país, onde elas representam mais de 46% da população. Esse avanço monumental, sob as condições da ditadura do proletariado, abriu amplas perspectivas para a implementação de outros direitos das mulheres. Como resultado, novas relações estão sendo estabelecidas em todos os lugares, e as disparidades, especialmente nas relações entre cônjuges, estão sendo cada vez mais reduzidas.

O último plano quinquenal testemunhou uma melhoria qualitativa nas habilidades das mulheres em diversas atividades sociais, revelando seus talentos e potenciais ocultos. Consequentemente, as ideias do partido estão se disseminando: mulheres estão sendo cada vez mais incumbidas de cargos de grande responsabilidade. Atualmente, na Albânia, não se trata mais de mulheres individuais, mas de um contingente significativo de mulheres capacitadas e emancipadas, formadas e educadas sob a égide do partido,

trabalhando lado a lado com os homens. Nas últimas eleições para os Comitês do Partido, mais de 33% dos eleitos em todos os níveis eram mulheres. Elas representam 33,2% dos deputados da Assembleia Popular, o órgão supremo do Estado, e 30,8% dos membros da Suprema Corte. As mulheres em nosso país têm um longo histórico de serviço, sendo treinadas e capazes de exercer plenamente seus direitos políticos e econômicos, e de ter uma voz ativa em todos os setores.

Em nosso país, houve um grande avanço na igualdade de tratamento entre mulheres e homens em todos os aspectos da vida, refletido brilhantemente no informe do Comitê Central. Durante o último plano quinquenal, 23.813 mulheres e meninas concluíram seus estudos em escolas de oito anos, secundárias e superiores. Esse número ultrapassou 40.000 este ano. Atualmente, em muitas regiões, especialmente nas planícies, e em muitos locais de trabalho, o nível educacional das mulheres é até superior ao dos homens. Em várias empresas que adotam processos modernos de produção, a maioria das mulheres empregadas completou o ensino médio. No ano letivo de 1975-1976, 7.000 mulheres frequentaram escolas secundárias nas áreas rurais, enquanto este ano, 17.000 mulheres cooperativistas estão matriculadas nessas mesmas escolas. Contudo, como comunistas, reconhecemos as distinções e disparidades persistentes na vida e no trabalho das mulheres, em comparação com as oportunidades proporcionadas pelo Estado e as perspectivas promissoras em seu horizonte de avanço.

A revolução completa e ampla realizada na vida da mulher albanesa é resultado do trabalho do partido, dirigido pelo camarada Enver Hoxha, que abriu vastas perspectivas para resolver os problemas das mulheres, de acordo com a realidade do nosso país e a partir de uma posição proletária de classe.

Nenhuma ação política, ideológica ou econômica importante em nosso país, desde os primeiros momentos da luta pela liberdade, foi realizada sem a participação das mulheres. Ao longo do processo da luta de classes e da construção do socialismo, as mulheres sempre foram uma grande força ativa e revolucionária. O inimigo de classe tentou, através do terror, eliminar a mulher como um novo elemento no potencial construtivo, criativo e defensivo do país. No entanto, todas as tentativas hostis, incluindo a difa-

mação espalhada pelos fascistas e os Balli Kombëtar, fracassaram.

Em total sintonia com o desenvolvimento da revolução socialista, a nova Albânia está empreendendo um trabalho magnífico para emancipar as mulheres, o que é de importância colossal tanto para elas quanto para o destino da revolução.

O marxismo-leninismo ensina que a construção socialista avança por meio de uma luta de classes acirrada. Apesar das distinções e discrepâncias herdadas do passado, como as diferenças entre cidade e campo, trabalho físico e intelectual, trabalho qualificado e não qualificado, e níveis de educação e cultura, nosso socialismo tem progredido gradualmente na redução dessas disparidades. Lutamos para diminuir ainda mais essas diferenças, especialmente as que persistem entre homens e mulheres, que representam um obstáculo adicional ao desenvolvimento rápido da nossa sociedade.

A emancipação da mulher é parte integrante da luta geral pela redução das distinções existentes, rumo à construção do socialismo e do comunismo. Fortaleceu também as normas socialistas de conduta na família, com a nova mulher albanesa desempenhando um papel igual ao do homem, tanto como mãe quanto como participante ativa em todos os aspectos. A consolidação dessas normas na família é crucial para a completa libertação da mulher, pois a família, ao preservar os velhos costumes e resquícios, pode se tornar um obstáculo para as iniciativas revolucionárias, especialmente das jovens.

Hoje, o problema da mulher está mais evidente do que nunca. No entanto, sua verdadeira essência é distorcida pela burguesia capitalista-revisionista, que busca impor sua ideologia reacionária às massas, retratando a mulher como uma criatura inferior, “frágil”, “delicada”, que deve ser tratada com “condescendência” e confinada ao “lar”, entre outras coisas.

Os revisionistas khrushchevistas, ao aproveitar-se dos sentimentos das mulheres por libertação, tentam fazer com que elas apoiem suas palavras de ordem demagógicas sobre “paz”, “*détente*”, “desarmamento”, etc., como se não fossem os verdadeiros instigadores de novas guerras de agressão e sofrimentos. Fingindo preocupação com os problemas das mulheres, eles as aconselham a retornar ao lar e aceitar empregos de meio período, o que resulta em salários mais baixos.

Diante da crise global que resultou em demissões em massa, os revisionistas da Europa Ocidental agora se apresentam como defensores fervorosos dos interesses da burguesia em relação às mulheres. Eles instigam as mulheres a realizar o trabalho doméstico para os capitalistas, o que equivale a trabalhar horas extras por uma remuneração miserável, explorando não apenas as mulheres, mas também outros membros da família, especialmente as crianças.

Para encobrir a verdadeira essência da exploração capitalista, os teóricos burgueses e revisionistas culpam injustamente os maridos e filhos pela difícil situação das mulheres em seus países. Ignorando os problemas reais das mulheres, eles levantam questões como divórcio e aborto. Seus esforços visam manter as mulheres afastadas do verdadeiro caminho revolucionário, privar a classe trabalhadora de seus aliados naturais e ocultar as enormes energias e forças que seriam liberadas se as mulheres se engajassem em ações de combate e se unissem à corrente principal da revolução.

Portanto, no problema da mulher, duas realidades se apresentam: a realidade capitalista e revisionista, e a realidade socialista, que conecta o problema da mulher com a luta da classe trabalhadora e a realização da revolução em todos os seus estágios. O Partido do Trabalho da Albânia defende uma nova visão sobre essa questão, baseada em nossa realidade.

A LENDA DA INFERIORIDADE DA MULHER E A NOSSA REALIDADE



SEMPRE QUE FAZEMOS UM BALANÇO DAS BRILHANTES VITÓRIAS ALCANÇADAS em todas as frentes da construção socialista, em todas as trincheiras da revolução, a realidade da mulher albanesa emerge diante de nós de maneira vívida. Essa grande realidade constitui uma das vitórias mais importantes da revolução de nosso povo.

O que o partido e a revolução fizeram pelas mulheres de nosso país já é parte integrante de nossa história. Não se trata de ações individuais, nem de feitos de iluministas ou humanistas, tampouco de empreendimentos meramente culturais. São, sim, uma reviravolta brilhante, que somente a revolução pode realizar, que somente um trabalho de construção igualmente brilhante pode concretizar, e que novamente só a revolução pode realizar.

Além de outras coisas, os anos de socialismo na Albânia representam uma era de luta pela completa emancipação e real da mulher albanesa. Nenhuma ação política, econômica e sociocultural importante, desde a reconstrução da pátria até a resistência contra a ideologia revisionista burguesa, foi realizada sem a participação das mulheres.

Portanto, podemos afirmar que o que o partido fez pela mulher está registrado como um de seus feitos monumentais, é uma das glórias do socialismo.

Nosso líder, o camarada Enver Hoxha, afirmou: “Se as mulheres ficam para trás, a revolução está datada”.

Essas palavras indicam claramente a seriedade com que nosso partido encarou e continua a encarar o problema da mulher em nosso país. Elas testemunham a grandiosidade da luta pela emancipação da mulher albanesa hoje.

Essa luta tornou-se parte da luta de classes e, assim como todas as lutas do nosso povo trabalhador pela defesa das conquistas do socialismo, assim

como a luta do proletariado internacional pela libertação, ela atraiu e continua a atrair para si todo o ódio reprimido da reação mundial, expresso tanto na forma conservadora quanto na liberal.

A luta contra as mulheres ao redor do mundo tem séculos de existência. Ela foi unificada por todas as forças obscuras, desde a religião até os esforços da degeneração burguesa-revisionista. Ela faz parte da luta pela escravização dos povos. Ao subjugar as mulheres, as classes dominantes sempre buscaram facilitar sua opressão sobre os povos, porque, ao fazê-lo, praticamente acertavam as contas com metade da humanidade. Portanto, quando se trata da opressão da mulher, os reacionários facilmente eliminam todas as contradições entre eles.

A luta pela escravização da mulher teve suas características específicas; ela foi conduzida sob o disfarce de uma ampla propaganda pseudocientífica. Toda a superestrutura reacionária dos regimes opressivos, desde os vendetistas indianos até os adeptos contemporâneos do freudismo, ofereceram seus serviços vis e criminosos aos governantes para suprimir as mulheres. Foi exatamente essa superestrutura obscurantista que criou a lenda da inferioridade das mulheres, uma lenda que foi adotada pelas forças reacionárias e transformada em uma bandeira de ataque, que elas adotaram, utilizaram e continuam a utilizar até hoje.

Torrentes de acusações caluniosas, veneno e ódio reprimido foram lançados contra as mulheres, a fonte da vida. Elas foram lançadas contra as mulheres na forma de leis, proclamações, dissertações “científicas”, circulares, literatura pornográfica, provérbios e Constituições.

A defesa das mulheres pelas artes progressistas de todos os tempos, como o folclore, a pintura e a poesia, não poderia, de forma alguma, alterar a situação das mulheres, pois permanecia dentro das esferas da ética e da cultura. Todas as propostas, empreendimentos e campanhas para ajudar as mulheres eram ineficazes, até mesmo ridículas, confrontadas com a realidade brutal, pois permaneciam dentro da estrutura da filantropia, da misericórdia e das teorias idealistas. Somente os mestres do proletariado mundial, Marx e Engels, apontaram o verdadeiro caminho para a libertação da mulher, que está intrinsecamente ligado ao caminho para a liberta-

ção de todos os trabalhadores. Eles associaram a escravidão das mulheres às formas de exploração e à propriedade privada.

A história da opressão das mulheres albanesas é parte integrante da história de nosso povo, de suas tragédias e sofrimentos. A posição das mulheres em nosso país foi ainda mais prejudicada, especialmente devido à invasão otomana e ao modo de vida e à cultura islâmica que a acompanhava, que eram de nível inferior em comparação com o nível que nossa cultura havia alcançado antes da invasão. Sendo uma calamidade geral para nosso país e nação, essa invasão foi, ao mesmo tempo, um verdadeiro desastre para as mulheres albanesas. Os invasores otomanos, junto com os opressores locais, desde os beis e o clero até o Rei Zog, que foi seu sucessor, acorrentaram as mulheres albanesas com correntes duplas, tornaram a vida insuportável para elas, cobriram seus rostos com o yashmak e as venderam como animais.

É interessante observar aqui que a cultura popular original sempre reverenciou a mulher. Em muitas canções folclóricas, danças e lendas, em festas de casamento e nos trajés, a mulher é tratada como uma figura digna, representada em cores encantadoras e ternura especial. É outra cultura, uma subcultura, que diminui as mulheres, a cultura da qual Lênin fala, é a cultura dos opressores, dos inimigos do povo. As visões contraditórias sobre as mulheres, na psicologia do povo, são o resultado da luta entre essas duas culturas. Embora a tendência reacionária nunca tenha tido o controle da ampla cultura popular, sua pressão também foi sentida nas distorções que fez, e elas tinham um gosto amargo.

Além de carregar todos os desastres da nação e da sociedade em seus ombros, as mulheres albanesas também tinham seu próprio infortúnio específico: servidão somada à servidão. Era um fardo horrível, do qual elas só seriam libertadas por meio da revolução.

A notícia de que as primeiras mulheres albanesas foram para as guerrilhas foi um evento que marcou época na história milenar das mulheres albanesas. Casos esporádicos desse tipo foram registrados mesmo antes disso, entre eles algumas heroínas também, mas esse fenômeno de massa era bastante novo, nunca ouvido antes. Centenas de meninas e mulheres foram para as montanhas, com o rifle na mão, para lutar lado a lado com

seus irmãos, sem serem incentivadas por eventos acidentais ou complicações de suas vidas; elas foram inspiradas por um grande ideal, pela palavra do Partido Comunista da Albânia (PKSH). Foi uma magnífica destruição de conceitos conservadores, uma ruptura surpreendente e quase lendária com o passado. Os inimigos externos e internos ficaram atônitos com essa notícia. Eles sentiram que uma nova força estava sendo despertada, exatamente a força que sua propaganda secular havia desprezado como um ser inferior. Apavorados com isso, os inimigos começaram a derramar seu veneno, a caluniá-las, desesperados com sua impotência. Mas o tempo não podia voltar atrás. A força do partido havia feito o que parecia impossível: despertar as mulheres para a luta pela libertação.

O surgimento das primeiras mulheres partisanas representou uma grande manifestação política da revolução. Logo em seguida, surgiram as primeiras mulheres mártires, comissárias, heroínas e quadros do partido e do Estado. Uma nova era começou para as mulheres albanesas.

Toda a história dos anos sob o socialismo manteve e sustentou o espírito dessa grande ação. No contínuo processo da luta de classes, as mulheres e suas questões estavam presentes em todos os lugares. O terror dos diversionistas, das agências de espionagem estrangeiras, da reação interna, a palavra envenenada do padre, as provocações fofoqueiras dos kulaks, a burguesia derrubada e os fanáticos de mente estreita, os rufiões de todos os matizes, tudo isso foi uma continuação do veneno dos antigos inimigos, dos fascistas e dos Balli Kombëtar. E todos eles compartilhavam o mesmo destino.

As mulheres cresceram lado a lado com os homens em todas as ações do partido, em todas as frentes do socialismo. Seja como operária ou camponesa, estudante ou médica, militar ou artista, em todos os lugares e em todos os momentos, a mulher deu o exemplo no trabalho e realizou feitos de heroísmo sem precedentes na longa história da Albânia. A explosão de energia das mulheres foi maravilhosa. A lenda de sua inferioridade foi destruída.

Com grande zelo, o partido acompanhou cada passo da grande luta pela emancipação da mulher. Ele lutou tanto contra o conservadorismo, que buscava fazer a mulher voltar ao seu estado anterior, quanto contra o liberalismo, que, ao tomar emprestados conceitos burgueses, não fez outra coisa

senão criar uma nova humilhação para as mulheres. Enquanto o conservadorismo considerava a mulher como mera moeda de troca, o liberalismo, ao distorcer os objetivos da emancipação da mulher, considerava-a apenas como objeto de amor, transformando-a, assim como transformou todos os outros valores humanos, em bens de consumo em geral. Nesse aspecto, o conservadorismo e o liberalismo se unem.

O discurso histórico do camarada Enver Hoxha, em 6 de fevereiro de 1967, foi um grande evento na vida de todo o país e, especialmente, na vida das mulheres. Ao denunciar com veemência todas as forças das trevas que tentavam pisotear os direitos que a revolução e o socialismo deram às mulheres albanesas, que elas mesmas conquistaram por meio de sua própria guerra e luta, com seu próprio sangue, com suas próprias mãos, nosso dirigente enfatizou mais uma vez a importância dos problemas da mulher para o partido, indicando a inviolabilidade das vitórias da revolução em todos os campos. A palavra revolucionária, marxista-leninista de nosso partido sobre a questão da mulher assume uma importância ainda maior hoje, quando todas as forças conjuntas da burguesia e do revisionismo estão tentando fazer a humanidade retroceder. Assim como em todos os outros problemas, também na questão da mulher essas são forças reacionárias raivosas. Elas se esforçam para substituir a luta de classes por um conflito mítico entre os sexos, tentam confundir as mentes das pessoas com “estrelas”, sejam elas da cinematografia do estilo ocidental ou as “estrelas” dos voos espaciais, no estilo revisionista de Tereshkova.

Nosso país, como o país da vitória da revolução, como o bastião do marxismo-leninismo na Europa, é, ao mesmo tempo, o país onde as mulheres são realmente honradas. As mulheres e as jovens de nosso país, desde as mais velhas até as mais jovens, são e serão gratas ao partido para todo o sempre em suas vidas por tudo o que ele fez ao seu lado. Através do leite materno, sua gratidão será transmitida de geração em geração e será sempre uma força regeneradora para novas vitórias.

UMA LUTADORA ATIVA PELA LIBERTAÇÃO DO PAÍS E PELA DEFESA DA PÁTRIA SOCIALISTA



NA HISTÓRIA GLORIOSA DO NOSSO POVO E DO EXÉRCITO POPULAR, O PAPEL crucial da mulher albanesa na Guerra de Libertação Nacional brilha com destaque.

Ao longo dos séculos, as mulheres albanesas lutaram ao lado dos homens, porém, nunca obtiveram conquistas significativas até o advento do Partido Comunista da Albânia (PKSH). Esse marco trouxe uma mudança profunda na vida das mulheres albanesas, destacando suas maravilhosas características, suas habilidades, talentos e energias inesgotáveis.

Respondendo ao chamado do partido, que refletia os anseios de um povo escravizado e da nossa Pátria, as mulheres albanesas se engajaram plenamente na guerra. Elas se uniram aos destacamentos e unidades da Guerra de Libertação Nacional Antifascista e foram eleitas para os Conselhos de Libertação Nacional. Coragem, bravura, lealdade inabalável à causa da libertação, disposição para sacrifícios e altruísmo foram suas marcas registradas em todas as suas ações. As mulheres se destacaram pelo espírito de iniciativa na execução das tarefas de combate, especialmente na implementação das diretrizes do Partido Comunista, o principal condutor da Guerra de Libertação. Sua participação despertou-as para a ação, permitindo-lhes romper com a inércia do passado, elevar sua consciência revolucionária e reforçar sua confiança na vitória final.

As mulheres albanesas abraçaram a linha do PKSH e lutaram incansavelmente por sua realização. Enxergaram nela não apenas o caminho seguro para a libertação nacional, mas também para a libertação social, o qual garantiria todos os seus direitos e romperia os grilhões do passado de

uma vez por todas.

Apesar das investidas dos fascistas e traidores, que tentaram afastá-las do partido, da Frente de Libertação Nacional (LANÇ) e do Exército, as mulheres permaneceram firmes e unidas em torno do Partido Comunista da Albânia. Foram perseguidas, presas, deportadas, torturadas e até enforcadas, porém, nada abalou sua determinação e lealdade à causa revolucionária.

Dos 70 mil guerrilheiros, 6 mil eram mulheres, que se destacaram na linha de frente da batalha com coragem e bravura exemplares. Muitas dessas mulheres e meninas, ao se juntarem ao partido, sacrificaram suas vidas pela liberdade da pátria e por um futuro promissor. De Konispol, no extremo sul, até Vermosh, no extremo norte, a terra albanesa foi regada com o sangue destas valentes mulheres que lutaram pela libertação. Algumas deram suas vidas além das fronteiras da pátria, combatendo os ocupantes fascistas em Kosova, Macedônia, Montenegro, até Vishegrad e as regiões da Bósnia.

O partido designou mulheres para cargos de destaque nos destacamentos e unidades partisans, ocupando posições de comando e comissariado, além de secretarias nas células do partido e organizações da juventude. Elas desempenharam funções vitais nos aparatos políticos do partido e no exército.

Integradas às brigadas de assalto ou unidades territoriais, as mulheres albanesas demonstraram grande heroísmo e bravura, enfrentando as dificuldades da vida partisan com paciência e determinação. Suportaram longas marchas, noites sem dormir, escassez de alimentos e condições climáticas adversas. Junto com seus companheiros, surpreenderam o inimigo com ataques inesperados. Nomes como Zonja Qurre, Margarita Tutulani, Bule Naipi, Persefoni Kokedhima, Ylbere Bilibashi e Shejnaze Juka, entre muitas outras, serão lembrados pelas gerações futuras por enfrentarem corajosamente as balas inimigas e a força.

Milhares de outras mulheres contribuíram para a Guerra de Libertação Nacional de diversas formas, cuidando dos feridos, levando suprimentos aos guerrilheiros e observando os movimentos do inimigo. Nossas mães não mediram esforços pela causa da liberdade, fornecendo abrigo, compartilhando alimentos e coletando recursos para os guerrilheiros. A história registra exemplos marcantes, como o da corajosa mãe albanesa Zyra,

de Orenjë, que sacrificou tudo, incluindo sua única cabra, pelo bem da pátria e do partido. Como disse o camarada Enver Hoxha: “Mãe Zyra perdeu tudo, mas ganhou a liberdade de sua pátria, do partido e tornou-se uma mãe respeitada em toda a Albânia”.

Esse é o tecido de que são feitas as mulheres albanesas, nossas mães que deram à luz e criaram filhos e filhas valentes “para um novo mundo”, como diz uma canção popular. Após a Libertação, a força, a coragem, a maturidade e o patriotismo das mulheres albanesas emergiram com vigor inigualável e sempre crescente. Hoje, elas estão envolvidas em todas as questões que o país enfrenta, participando ativamente na produção, administração, educação, ciência e artes. As mulheres albanesas agora são vistas atuando como militares e quadros honrosos de nossas Forças Armadas. Conscientes de que estamos construindo o socialismo em meio a um duplo cerco imperialista-revisionista e em uma luta de classes intensa, elas se prepararam militarmente para a defesa da pátria. Sejam como quadros militares, soldados, voluntárias ou estudantes, elas se esforçam para compreender os princípios de nossa Arte Militar da Guerra Popular. Participam ativamente de exercícios militares, demonstrando um elevado espírito de mobilização e prontidão para cumprir as tarefas de defesa com o melhor de suas habilidades e com honra.

Junto com todo o povo, as mulheres e as meninas de nosso país mantêm uma guarda vigilante sobre sua pátria, mantendo a pólvora seca, com seus rifles prontos para repelir qualquer inimigo, interno ou externo, que ouse invadir as fronteiras da Albânia ou ameaçar nossas vitórias socialistas.

A MULHER E SUA CONTRIBUIÇÃO ARTÍSTICA



JUNTO COM TODO O POVO, AS MULHERES E AS MENINAS DE NOSSO PAÍS mantêm uma guarda vigilante do nosso país, com os fuzis prontos para repelir qualquer inimigo, interno ou externo, que ousaria ameaçar nossas conquistas socialistas. Com mãos e mentes brilhantes, nossas mulheres contribuíram magnificamente para a formação de gerações de jovens valentes e homens corajosos. É tradição de nossas artes plásticas, literatura e folclore retratar as mulheres como figuras belas e orgulhosas, resistentes diante das dificuldades, patriotas ardentes e defensoras do progresso, esposas leais que lutam ombro a ombro com seus maridos, e mães carinhosas.

Por outro lado, a arte aristocrática e burguesa sempre diminuiu a mulher, tratando-a como uma criatura “fraca”, um enfeite para embelezar seus salões ou um objeto de prazer sexual. A burguesia e o revisionismo utilizam a figura da mulher na arte para mercantilizá-la e degenerá-la. “Na Europa e em todo o mundo”, diz o camarada Enver Hoxha, “há inúmeros filósofos e homens ‘letrados’, que criaram um mito sobre a superioridade dos homens sobre as mulheres. Para eles, o homem é forte, corajoso e combativo, portanto, é mais sábio e predestinado a dominar, a dirigir; enquanto a mulher, por sua vez, é por natureza fraca, indefesa e tímida, portanto, deve ser controlada e comandada. Teóricos burgueses como Nietzsche e Freud defendem a teoria de que o homem é um ser ativo, enquanto a mulher é um ser passivo. Essa teoria reacionária e antibiológica leva, como de fato levou, ao nazismo na política e ao sadismo na sexologia”. As ideias reacionárias desses “filósofos e homens letrados” estão presentes hoje na pintura e na escultura burguesas e revisionistas.

Nossa arte, que enaltece a figura do homem e seu trabalho, busca representar a mulher no contexto da grande época de outra completa eman-

cipação, como uma força colossal nas fábricas e nos campos, na educação e na cultura, e em todas as frentes da construção do socialismo. Essa reflexão abrangente sobre a vida e a atividade da mulher enriquece nossas artes plásticas com ideias novas e vigorosas, abrindo amplas perspectivas para o desenvolvimento de todos os gêneros e formas de arte. O amplo tema da vida da mulher em nosso país tem um lugar especial no processo criativo artístico, conferindo à arte não apenas seu fino lirismo e sua profunda preocupação com a vida e o rejuvenescimento da sociedade, mas também um otimismo e humanismo comunistas revolucionários, dando-lhe nova força. O reflexo verdadeiro da vida da mulher na arte se torna uma grande força educativa e fortalece a fé nas ideias da revolução e do socialismo.

O estudo da realidade histórica e atual das mulheres albanesas permitiu que nossos pintores e escultores retratassem a figura da mulher nos diferentes aspectos de sua luta e trabalho. Nossos artistas são guiados pela ideia de que, sem a participação da mulher na atividade social, a construção completa do socialismo e do comunismo não pode ser alcançada. Portanto, em nossas pinturas e esculturas, encontramos mulheres representadas como participantes das guerras nacionais e de libertação de nosso povo, mulheres em trajes masculinos, com a espada na mão, ou na revolução popular, mulheres em calções militares e com um cinto de cartucheira apertado na cintura, ou no período da construção do socialismo, mulheres segurando a picareta, o livro e o fuzil nas mãos. Nosso povo tem orgulho de suas “grandes garotas” e dedicou a elas belas canções que continuam a inspirar nossos artistas de cavalete e cinzel até os dias de hoje.

Assim como na poesia, na pintura e na escultura, a figura da mulher se tornou o símbolo da “Mãe Albânia”. No topo de uma colina que domina Tirana, no Cemitério dos Mártires, dos mártires que tombaram na Guerra de Libertação Nacional Antifascista, um monumento se ergue para o céu, o símbolo de todas as nossas “Mães Albanesas”. A figura das mulheres elevada a essa altura simbólica indica o grande respeito de nossa sociedade por elas. Mas a mulher não é apenas a heroína de obras artísticas. Ela mesma é a autora de muitas conquistas em todos os campos. As mulheres albanesas fizeram seu nome como escritoras de romances e poemas, cineastas e

dramaturgas, cantoras e pintoras, compositoras sinfônicas e escultoras. O trabalhador de nosso país para com respeito diante das obras de suas contemporâneas emancipadas exibidas em exposições de artes plásticas e admira o poder de seu talento e sua capacidade criativa no campo da arte. Em suas pinturas e esculturas, as artistas albanesas expressam seu rico mundo espiritual e sua originalidade.

A UNIÃO DAS MULHERES DA ALBÂNIA FOI FUNDADA NO FOGO DA GUERRA



A GUERRA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL DO POVO ALBANÊS, DIRIGIDA PELO Partido Comunista da Albânia (PKSH), foi uma grande revolução popular, uma luta genuína que teria sido vitoriosa se as amplas massas populares, incluindo as mulheres, que compõem metade da população, tivessem sido mobilizadas. Compreendendo essa necessidade, o partido comunista formulou uma estratégia específica de engajamento com as mulheres como parte integral de sua abordagem geral.

Durante a Guerra de Libertação Nacional, o partido não poderia implementar sua estratégia de trabalho com as mulheres sem organizá-las e unificá-las. Foi assim que surgiu a Frente Antifascista de Libertação Nacional (LANÇ), uma organização exclusivamente feminina, destinada a treinar e instruir as mulheres para lutarem pela libertação do país e por sua própria emancipação.

Desde sua fundação, o partido sempre reconheceu a importância de unir as mulheres em uma organização antifascista, especialmente em meio à luta armada contra os invasores fascistas. Documentos do partido, incluindo diretrizes do Comitê Central e resoluções da 1ª Conferência do PKSH, destacaram essa necessidade e estabeleceram a tarefa de organizar as mulheres através da Frente Antifascista.

Para coordenar a atividade dos conselhos antifascistas de mulheres até a eleição de um órgão central da Frente Antifascista Feminina, uma comissão inicial foi criada em segredo em Tirana, em abril de 1943. O Partido designou Nexhmije Xhuglini (Hoxha) para liderar essa comissão, que imediatamente iniciou a implementação de medidas para estabelecer con-

selhos de mulheres em todas as regiões. O objetivo era claro: organizar o apoio à Guerra de Libertação Nacional, fortalecer o movimento antifascista das mulheres e promover seu engajamento político em todas as esferas. Era fundamental que a união das mulheres antifascistas fosse sentida em todos os lugares, tanto na cidade quanto no campo.

As orientações do partido receberam um apoio entusiástico das massas, que, mesmo sob as condições adversas do terror fascista, realizaram conferências para eleger seus conselhos. Em muitas áreas, as mulheres tiveram que enfrentar não apenas as dificuldades impostas pelo terror fascista, mas também a oposição de organizações colaboracionistas, como os “Balli Kombëtar”.

Os invasores prenderam e exilaram centenas de mulheres, porém não conseguiram enfraquecê-las. Mesmo sob prisão ou nos campos de concentração, elas continuaram firmes na luta contra o inimigo, fortalecendo ainda mais sua união.

Em outubro de 1943, juntamente com as eleições para os conselhos locais, foram realizadas eleições para os conselhos municipais. Um marco importante para a formação da Frente Antifascista Feminina foi a 2ª Conferência de Libertação Nacional, realizada em setembro de 1943. Uma delegação de mulheres participou dessa conferência e apresentou a solicitação para reconhecer a Organização das Mulheres e sua adesão ao programa da Frente de Libertação Nacional, que foi aceita.

A partir desse momento, as mulheres albanesas passaram a ter sua própria organização, chamada de União das Mulheres Antifascistas da Albânia (BGASH). Durante a guerra, a BGASH intensificou suas atividades, mobilizando cada vez mais mulheres para a luta de libertação. A revista “Mulher Albanesa”, ao iniciar sua circulação, tornou-se uma poderosa ferramenta para mobilizar e organizar as mulheres.

Graças ao trabalho incansável de sua organização, as mulheres nos Conselhos Locais, tanto urbanos quanto rurais, elevaram seu nível político e consciência revolucionária. Elas desempenharam um papel ativo no levante popular contra os invasores fascistas, liderando as massas com coragem diante das dificuldades e sacrifícios.

Vários exemplos de heroísmo se destacam, como o de Duze Bajrami, que, apesar de perder seus dois filhos na luta pela Libertação, continuou a incentivar a atividade dos Conselhos de Mulheres. Outras mulheres, como Sarete Gabaj, de Vlorë, também deram suas vidas pela libertação da pátria, enfrentando corajosamente a crueldade dos nazistas.

Os Conselhos Regionais foram eleitos em reuniões com a participação de delegados das zonas libertadas ou ainda sob ocupação fascista. Essa atividade política e organizacional culminou no 1º Congresso de Mulheres, realizado em novembro de 1944, na cidade de Berat, recentemente libertada pelas brigadas partisans. No congresso, foram avaliadas as conquistas alcançadas, definidas as metas futuras e eleitos os órgãos centrais da BGASH. A organização, agora chamada União das Mulheres da Albânia (BGSH), desempenha um papel fundamental na vida política, econômica e social do país. Sob a direção do partido, ela segue fielmente o caminho rumo ao socialismo, reunindo e formando milhares de mulheres em sua luta pela construção da sociedade socialista na Albânia.

OS DISPOSITIVOS LEGAIS SÃO COLOCADOS NA PRÁTICA



O PRINCÍPIO “SALÁRIO IGUAL PARA TRABALHO IGUAL” GARANTE À MULHER a mesma remuneração que o homem por lei. O Estado oferece ampla proteção às mulheres e crianças. Mulheres grávidas e que estão amamentando têm direito a dispensa de turnos noturnos ou horas extras, bem como de trabalhos cansativos. Aquelas que amamentam ou trabalham em escritórios têm direito a uma pausa de pelo menos meia hora a cada três ou quatro horas para amamentar seus filhos, além do tempo necessário para ir e voltar do berçário, já incluso no horário de trabalho. Elas também contam com outras vantagens que lhes permitem participar de atividades sociais e cumprir com suas responsabilidades como mães e com a família. Durante o período pré e pós-parto, as trabalhadoras têm direito a uma licença remunerada de 13 a 15 semanas, recebendo entre 75% e 95% de seus salários médios, calculados com base no tempo de serviço.

No que diz respeito à saúde, há centenas de instituições em todo o país que atendem gratuitamente às necessidades das trabalhadoras e mulheres em geral. Um exemplo disso é o caso de M.Q., que recebeu do Estado 4.083 leks por dez dias de internação na maternidade de Tirana, equivalente ao salário médio de um trabalhador por sete meses. O Estado também demonstra grande atenção às crianças.

Muitos direitos foram criados para mulheres e jovens na área da educação. Aquelas que frequentam escolas têm horários reduzidos e licenças remuneradas adicionais para fazer provas, variando de 3 a 6 horas por semana e de 15 a 25 dias por ano por prova, além de até 30 dias para a redação do diploma e provas finais.

Antes da Libertação, as mulheres enfrentavam alto índice de analfabetismo, com cerca de 90% delas sem saber ler ou escrever. Porém, em apenas

10 anos após nossa revolução, em 1955, o analfabetismo foi erradicado completamente entre todas as pessoas de certa idade no país. Também foram tomadas medidas significativas para elevar o nível educacional e cultural das mulheres, considerado um dever crucial para a construção socialista do país. O partido e o Poder Popular garantiram todas as condições necessárias para que as mulheres frequentassem escolas e elevassem seu nível cultural, uma vez que estavam defasadas em relação a outros setores da sociedade.

Uma vasta rede de escolas, em tempo parcial e integral, atende a homens e mulheres trabalhadores em todo o país. Nos últimos cinco anos, 23.816 mulheres e jovens frequentaram escolas em meio período. No ano letivo de 1977-1978, 94.422 trabalhadores estavam matriculados em diversas escolas na cidade e no campo, sendo 40% mulheres. As mulheres também progrediram significativamente no ensino médio, representando 37% dos quadros com qualificação secundária e superior.

Para ilustrar o avanço na educação, em 1938 havia 18.057 alunos em todas as categorias de escolas no país. Em 1973, esse número subiu para 337.991. Quanto às escolas secundárias, em 1938 havia apenas 337 alunas; em 1973, eram 46.805, chegando a 56.238 em 1977. Antes da Libertação, nenhuma jovem frequentava escolas profissionalizantes de meio período. Em 1973, 15.698 trabalhadoras frequentavam escolas enquanto trabalhavam, número que subiu para 22.768 em 1977.

A EMANCIPAÇÃO DAS MULHERES E COMO NÓS A ENTENDEMOS



HÁ MAIS DE UM SÉCULO, MARX E ENGELS, EMINENTES LÍDERES DO PROLETARIADO mundial, explicaram cientificamente as verdadeiras razões da desigualdade entre homens e mulheres. Eles mostraram que a submissão da mulher ao homem não decorre de diferenças físicas ou psicológicas, mas sim da estrutura de uma sociedade exploradora, baseada na propriedade privada dos meios de produção. A partir disso, começou uma luta progressista das mulheres pela sua liberdade e emancipação, que cresceu ao ponto de ser uma questão fundamental nas sociedades com classes sociais distintas.

Hoje, diante dessa crescente influência, os dirigentes do sistema burguês-revisionista em declínio e seus seguidores tentam distorcer o marxismo quando se trata da questão da mulher. Engels apontou de forma brilhante que o surgimento da propriedade privada e da herança são as bases econômicas da monogamia, onde a mulher é subjugada ao homem. Porém, os teóricos revisionistas e burgueses omitem conscientemente a verdadeira causa dos conflitos entre homens e mulheres — a propriedade privada — e incitam conflitos entre os sexos. Reduzir a luta pela emancipação das mulheres apenas ao âmbito familiar é desvinculá-la da grande causa do proletariado, que busca abolir a propriedade privada capitalista, fonte de todas as injustiças e desigualdades.

A experiência albanesa mostra claramente a importância de conectar a luta pela emancipação das mulheres à luta pela libertação nacional e social. Nessa luta conjunta, as mulheres reivindicam seus direitos, buscam independência econômica na família e, como resultado, promovem relações mais humanas dentro do lar, onde ninguém pode mais justificar violência verbal ou física contra elas.

O camarada Enver Hoxha nos ensina: “A questão da mulher deve ser

abordada sempre pelo olhar do proletariado revolucionário, e não a partir dos difamadores conservadores e liberais”.

A completa emancipação da mulher, como destacado pelo Partido do Trabalho da Albânia (PTA), é um processo longo e complexo. O objetivo não é apenas libertar a mulher, mas também libertar toda a sociedade da opressão política, econômica e social, incluindo conceitos e preconceitos ultrapassados sobre as mulheres. Esse processo ocorre em uma sociedade socialista dirigido por um partido marxista-leninista.

Sob a direção do Partido do Trabalho da Albânia e seguindo os ensinamentos do camarada Enver Hoxha, as mulheres albanesas se tornaram um exemplo brilhante de como embarcar no caminho da emancipação. A conexão entre a questão da mulher e a libertação nacional, tratada de forma contínua pelo PTA e pelo camarada Enver Hoxha como parte fundamental da revolução socialista, criou as condições necessárias não apenas para resolver os problemas das mulheres, mas também para contribuir de forma significativa para esse avanço. Com sua participação ativa na revolução, as mulheres impulsionam o progresso e se emancipam.

O camarada Enver Hoxha alertou toda a sociedade: “O progresso em direção à construção completa da sociedade socialista deve ser medido pelo avanço da emancipação da mulher em nossa revolução proletária. Se as mulheres ficarem para trás, a revolução estará datada”.

Baseados nesses ensinamentos, a Albânia realizou uma revolução política, estabelecendo o Poder Popular e a ditadura do proletariado. Todas essas mudanças foram alcançadas com a contribuição tanto de homens quanto de mulheres. Enquanto milhares de mulheres e meninas lutavam no Exército de Libertação Nacional, outras centenas de milhares divulgavam as ideias do partido por meio de panfletos e proclamações. Após a instauração do Poder Popular, a revolução econômica foi promovida com a colaboração de homens, mulheres e todo o povo. Essa transformação demandou esforços conjuntos para realizar a coletivização e a industrialização socialista do país, fortalecendo a propriedade comum. Homens e mulheres foram preparados por meio do trabalho, da educação, de cursos de qualificação e de grupos políticos e ideológicos para entender a emancipação das mulheres

como parte da revolução socialista.

O Poder Popular acabou com a exploração capitalista, estabeleceu um novo código legislativo e promoveu a educação do Homem Novo, que se baseia na ideologia marxista-leninista e em novos conceitos sobre trabalho, propriedade, família e mulher. Esse novo contexto abriu caminho para tratar as mulheres de maneira mais justa, onde o amor é a base de todos os casamentos. Agora, os jovens são incentivados a criar suas famílias por motivos socialistas, não apenas por interesses materiais ou carreirismo, o que leva a maior valorização das mulheres.

Atualmente, a questão da mulher na Albânia é debatida no contexto da luta de classes no campo ideológico. Apesar das condições objetivas favoráveis, os processos familiares não devem ser deixados ao acaso. Portanto, é travada uma luta direta, mas sensível, para estabelecer relações e padrões socialistas na família, como amor, igualdade, ajuda mútua e respeito. Busca-se garantir a igualdade entre a esposa e os demais membros da família, envolvendo toda a sociedade nos assuntos familiares e responsabilizando cada membro pela vida familiar.

Nesse contexto, a participação das mulheres em todas as esferas da vida nacional tornou-se uma necessidade objetiva. Seus esforços são essenciais para promover uma revolução contínua, fortalecer e democratizar ainda mais o Poder Popular de acordo com a vontade das massas. Além disso, as mulheres também contribuem para fortalecer e defender a pátria contra todos os inimigos, através da formação militar de todo o povo.

A emancipação das mulheres na Albânia não é vista como um “movimento feminista” como nos países capitalistas, mas sim como um avanço em direção à igualdade total com os homens, uma marcha rumo ao comunismo em harmonia de sentimentos, objetivos e ideais puros, onde homens e mulheres caminham juntos.

A MULHER EM NOSSOS DIAS



A PORTA DO SALÃO ONDE OCORRERIA A REUNIÃO PARA AS NOVAS ELEIÇÕES da organização de mulheres da cooperativa agrícola de Toshkëzi (distrito de Lushnjë) mal havia sido aberta quando várias meninas e mulheres se aproximaram de uma mulher de 25 anos, parabenizando-a: ela era a recém-eleita diretora da União de Mulheres, Violeta Gjordeni.

Conversamos com Violeta e também com as camaradas da cooperativa. Tudo testemunha a modéstia de Violeta, tão típica de nossa época.

Violeta Gjordeni é uma jovem da aldeia de Zhelizhan. Ela se casou em Kundje, um vilarejo incluído na mesma cooperativa agrícola. Mãe de um filho e à espera de outro, ela costumava trabalhar na brigada de campo e, à noite, frequentava a escola de meio período. Como militante de vanguarda, uniu-se às fileiras do partido, tendo clareza sobre seu papel como nova mulher na Albânia socialista. Ela tinha de trabalhar e estudar. Muitas moças e meninas daqui levaram seus estudos com zelo até o fim. O caso de Violeta não foi uma exceção. Mas no terceiro ano do ensino médio, ela estava noiva. Agora, a questão foi apresentada sob uma luz diferente. Alguns diziam: “Uma mulher pode carregar água nos dois ombros?” Isso se referia ao trabalho na produção, à escola e à família que ela estava prestes a constituir. Mas a jovem noiva não recuou diante das dificuldades. Depois do casamento, ela não interrompeu os estudos, apesar da caminhada de uma hora até a escola. “Ela tem coragem”, diziam alguns, “mas espere! ela não pode fazer mais do que o ensino médio. Esse é o ponto principal de uma mulher na aldeia”, diziam outros. É assim com todos os cétricos; quando a realidade entra em choque com seus conceitos, eles se agarram a um novo “mas”. A jovem noiva deu o atalho para esse “mas” deles. Depois de se formar na escola secundária, ela deu outro passo à frente, que surpreendeu muitas pessoas na cooperativa. “A questão não é começar a fazer uma coisa, mas levá-la até o fim!” Os cétricos se levantaram novamente com um novo

“mas”. Violeta não os ouviu. Sem hesitar, ela subiu um novo degrau na escada do conhecimento, rumo à sua afirmação como uma mulher digna de nossos dias, uma mulher da Albânia socialista. Ela começou seu curso por correspondência na Faculdade de Economia da Universidade de Tirana.

Cursar o ensino superior após trabalhar o dia inteiro no campo, ser ativista na vida social da cooperativa, realizar as grandes tarefas como comunista e ainda criar um filho também é uma tarefa árdua. Mas ela faz isso com determinação. Às vezes está cansada, mas dá provas de sua força, coragem e valor, igualando-se aos homens em todos os campos da vida. Em sua luta e em seus esforços, Violeta contou com o poderoso apoio e incentivo da célula do partido, com o apoio do marido, da família e do coletivo.

Ela nos conta: “Como comunista, sinto que devo estar na vanguarda em tudo, dar o exemplo a todos. Não se pode dividir as tarefas: ‘isso é para as mulheres e aquilo é para os homens’. Para avançar, é necessário apenas uma coisa: a vontade de fazer isso. Temos todas as facilidades: quer trabalhar? — aqui está ele, comece a trabalhar! Você quer estudar? — Aqui está a escola, estude! E a criança? Meu marido e eu cuidamos dela. Temos creches e jardins de infância para as crianças durante o horário de trabalho”.

Os pensamentos e as ações de Violeta são muito acertados e justos. Atualmente, ela trabalha na seção de contabilidade da cooperativa, sendo uma economista. De tempos em tempos, ela se une aos seus colegas de brigada nos campos. Ela nunca se esquece de sua casa. Frequentemente, ministra palestras sobre questões políticas e econômicas para seus companheiros. À noite, retorna para casa. Seu marido, Letter, também volta para casa. A filha e a mãe Pulia estão esperando seu retorno. A família feliz passa algumas horas em uma conversa agradável. Enquanto os outros vão dormir, o casal fica para estudar; Letter também estuda. Parece que estão competindo para ver quem terá melhores resultados.

Violeta é uma mãe amorosa e também uma excelente dona de casa. Em sua personalidade, ela incorpora as características distintas das novas mulheres da Albânia socialista. Sua vida e seu trabalho nos recordam as palavras do camarada Enver Hoxha quando se referiu às mulheres: “Vocês, nossas camaradas e irmãs de luta, do trabalho e da escola... dedicaram todas as suas

energias à produção, defesa da pátria e educação. Isso eleva a individualidade da mulher albanesa e é uma expressão clara de sua luta, sob a direção do partido, para alcançar a completa igualdade da mulher com o homem”.

A COMPLETA EMANCIPAÇÃO DA MULHER É REALIZADA NO CONTEXTO DA REVOLUÇÃO SOCIALISTA



NO SEU INFORME AO 7º CONGRESSO DO PARTIDO DO TRABALHO DA ALBÂNIA (PTA), abordando também as questões das mulheres, o camarada Enver Hoxha enfatizou que “nossa experiência confirmou plenamente a necessidade de vincular o problema da completa emancipação da mulher à questão da libertação nacional e à causa do proletariado. Sem a participação da mulher, a revolução socialista não pode ser realizada completamente, e sem a revolução socialista, a completa emancipação da mulher não pode ser alcançada”.

O grande mérito do nosso partido é que, como em todos os problemas, também no da completa emancipação da mulher, sempre traçou os caminhos do desenvolvimento e definiu os meios de resolver corretamente esse grande problema social em cada estágio da revolução e da construção socialista. Nossa realidade atual é um testemunho vivo da linha correta seguida em nosso país para a completa emancipação da mulher, essa força colossal da sociedade, dentro do contexto geral do desenvolvimento da revolução e da construção socialista. Nossa realidade está repleta de milhares de fatos que mostram as alturas sem precedentes a que a mulher albanesa foi elevada e as esplêndidas perspectivas que se abrem para seu futuro progresso.

A ditadura do proletariado representa uma ferramenta poderosa e decisiva para conduzir a revolução socialista à sua vitória completa e definitiva. Nessa condição, que é essencialmente o domínio da classe trabalhadora e das demais massas laboriosas, ela capacita as amplas massas populares, incluindo as mulheres, a alcançarem o poder. Além disso, a ditadura do

proletariado desempenha um papel crucial na realização de outras tarefas revolucionárias, como a completa transformação socialista da estrutura econômica e social do país, bem como o desenvolvimento pleno e integrado da sua cultura e economia.

Esse sistema de governo exerce uma influência decisiva na supressão da resistência das classes derrotadas e de elementos contrarrevolucionários, tanto internos quanto externos, contribuindo para a defesa das conquistas socialistas e da pátria. Além disso, desempenha um papel importante na educação comunista dos trabalhadores, visando a eliminar qualquer resquício de mentalidade e práticas herdadas do passado e a combater qualquer influência ideológica contrária ao avanço socialista, seja ela proveniente do passado ou do presente.

A ditadura do proletariado atua como um elemento unificador de todo o povo trabalhador, incluindo as mulheres, além de fortalecer os laços entre a classe trabalhadora e o partido. Esse fortalecimento dos laços entre esses elementos permite que todos trabalhem e lutem de maneira consciente e unida pela construção e defesa do socialismo.

Os êxitos nessas áreas são notáveis, em parte porque o Partido e nosso Estado socialista asseguraram uma democracia efetiva para as massas trabalhadoras, incluindo as mulheres. A democracia socialista, nesse sentido, é um elemento crucial para a defesa e o fortalecimento da ditadura do proletariado, enquanto esta, por sua vez, é fundamental para a existência da democracia para o povo trabalhador. Apenas em um sistema socialista, sob a liderança de um partido marxista-leninista, é viável garantir uma democracia plena e abrangente para as massas trabalhadoras. Essa premissa está arraigada em toda a estrutura estatal e social de nosso país.

Vendo o problema nesse amplo contexto, fica claro que somente o Poder Popular, a ditadura do proletariado, é capaz de assegurar uma solução justa, entre outros, dos problemas da emancipação da mulher, e de levá-los até o fim. É por isso que, no fortalecimento da ditadura do proletariado, na defesa das vitórias da revolução socialista, da independência e da liberdade da pátria, as mulheres de nosso país veem seu futuro garantido.

Para garantir a continuidade da revolução e o fortalecimento da dita-

dura do proletariado, as mulheres do socialismo albanês têm a tarefa crucial de contribuir para o aprofundamento da democracia socialista e para o desenvolvimento da democracia das massas, aumentando sua participação no governo do país em números crescentes. Ao exercerem plenamente seus direitos, as mulheres do nosso país defendem os princípios socialistas de ampliação e aprofundamento da democracia, ajudando a implementá-los na prática. Elas se tornaram uma força indispensável, sem a qual a solução dos vários problemas sociopolíticos, ideológicos, econômicos e culturais, assim como a defesa do país, é impensável.

O engajamento das mulheres albanesas nos órgãos estatais, na economia, na cultura e em diversas organizações sociais tem se fortalecido, ao passo que elas mesmas amadurecem politicamente, ideologicamente, culturalmente e profissionalmente. Atualmente, muitas mulheres ocupam cargos nos órgãos estatais e em organizações de massa, e estão à frente de questões estatais e sociais em diversos setores. Cerca de 46% da força de trabalho na produção social é composta por mulheres. É nossa responsabilidade consolidar e ampliar essas conquistas para fortalecer ainda mais o papel das mulheres na defesa e construção do socialismo em nosso país. A participação cada vez mais ativa das mulheres na gestão do país, mobilizando essa importante força social para resolver os desafios do nosso Estado socialista, é crucial para aprofundar nossa democracia em ação. Sem colocar plenamente em movimento essa força essencial da população, que representa, como afirmou Marx, o grau natural de sua emancipação geral, o aprimoramento dos princípios da democracia socialista fica em xeque.

A realização ampla e vitoriosa das metas econômicas do 5º Plano Quinquenal foi uma prova clara do que as massas podem alcançar quando têm controle sobre seu país e sabem claramente pelo que lutam. Na luta incansável para atingir esses objetivos, superando obstáculos e frustrando os planos de nossos adversários internos e externos para nos enfraquecer, as mulheres do nosso país, ao lado de seus maridos, irmãos e filhos, destacaram-se na linha de frente, mostrando determinação e patriotismo tanto no trabalho quanto na vida.

Hoje, as mulheres podem ser encontradas em todos os lugares, na mais

ampla frente de produção social, em fábricas e usinas, nas fileiras da vanguarda da classe trabalhadora, nos campos de nossa pátria como camponesas avançadas, elas participam do governo do país e da administração de nosso estado socialista, no qual desempenham importantes tarefas de responsabilidade; podem ser encontradas na administração da produção, da economia, da cultura etc.

Os sucessos colossais alcançados em nosso país na emancipação da mulher também rejeitam todas as teorias e práticas revisionistas burguesas sobre a solução dessa questão. A experiência revolucionária do nosso partido em relação à emancipação completa da mulher, com esse problema vital para o destino da revolução e do socialismo, está se espalhando e se tornando uma inspiração para todo o mundo.

ENTRE AS FUTURAS TRATORISTAS



A VIDA E A ATIVIDADE REVOLUCIONÁRIAS SEMPRE GERAM NOVOS FENÔMENOS, liberam energias adormecidas, revelam novas potencialidades e forças espirituais. Uma dessas magníficas manifestações é a realidade da nossa nova mulher, que cresceu e progrediu por meio do trabalho. As atitudes, a visão de mundo e os sentimentos da mulher passaram por uma transformação. Isso fica evidente no caso de Vojsava Hoxha, que está se capacitando para se tornar motorista de trator.

Vamos deixar que Vojsava mesma nos conte como isso aconteceu.

“Para ser sincera, nunca imaginei que um dia me tornaria tratorista e trabalharia nos campos com um trator. Há alguns anos, quando cheguei à estação de máquinas e tratores, fiquei impressionada com a grandiosidade do trabalho que as pessoas estavam realizando aqui. Nos campos, vi com meus próprios olhos o trabalho árduo, porém gratificante, dos tratoristas. Eu tinha ouvido falar de uma jovem que dirigia um trator, Caje Shelnja, que trabalha em Fushë-Krujë. Ao chegar para trabalhar aqui, lamentei não ter começado antes. A imagem de Caje Shelnja, em seu trator, veio à minha mente novamente. Fiquei admirada com sua coragem e maravilhada com seu trabalho. Ela, uma mulher franzina, com sua estrutura delicada, operava aquela máquina de aço que roncava e rugia pelos campos.”

Quando cheguei em casa, disse ao meu marido:

— Quero me tornar uma tratorista.

— Sério mesmo?! Mas você pode fazer isso? Você tem dois filhos.

— Sim, eu sei que sou mãe de dois filhos, e você, pai de dois filhos! E daí?

Nós rimos. Mas ainda assim, uma pergunta me assombrava: “Posso fazer isso?” E eu mesmo respondi, apertando os punhos como se fosse derubar aquele mau presságio: “Eu farei isso ou morrerei, de qualquer forma, eu farei isso!”

E o desejo de Vojsava se tornou realidade. No MTS de Fushë-Krujë, foi

aberto um curso para mulheres tratoristas. Trinta mulheres e jovens compareceram ao curso, que foi realizado por conta própria para aprender a nova profissão.

Foi uma época em que os homens e mulheres de Krujë mal conseguiam acreditar que trinta mulheres se tornariam tratoristas. Mesmo nesse caso, assim como em todo o resto, logo o tempo levou a melhor sobre todos os conceitos atrasados e intimidadores. As mulheres de Krujë saíram da concha de suas limitações, juntaram-se ao trabalho na empresa e nos campos da cooperativa agrícola, subiram na escala do conhecimento, invadiram até mesmo os setores da vida econômico-social que antes levavam, por assim dizer, o rótulo de “somente para homens”. Já ouvimos falar de como as primeiras mulheres torneiras, enchedoras, instaladoras e operárias começaram a trabalhar, e agora podemos falar de nossas mulheres tratoristas com orgulho.

“O início foi muito difícil para mim”, conta Lutfije Halili, “ouvimos rumores, espalhados de cima a baixo por algumas pessoas de má vontade. Por meio de nosso trabalho e comportamento, em poucos meses, vencemos essas pessoas mesquinhas e burguesas, que consideram a mulher apta a cuidar apenas das tarefas domésticas, chamando-a de um ser humano frágil a quem não se pode confiar nenhum trabalho”.

Vera Faruku trabalhava como torneira mecânica na oficina de engenharia da cooperativa Borizanë. Ela disse à família que desejava se tornar tratorista. Suas palavras não foram bem aceitas por eles. Mas ela sabia como fazer isso com paciência. Ela os convenceu de que o trabalho de um tratorista é tão bom quanto o de um torneiro mecânico. O caso de Miranda Imeri foi bem diferente: foi seu marido que a incentivou a se tornar tratorista.

A engenheira Fatmira Minga, responsável pelo curso de tratoristas, está convencida de que, quando essas jovens fizerem o exame, todas tirarão a carteira de motorista. Todas as condições necessárias para adquirir o conhecimento mais completo possível, não apenas na teoria, mas também na prática, foram criadas para elas. Como mulheres emancipadas e mulheres jovens, todas juntas, elas serão um novo contingente do grande exército de construtoras do socialismo.

AS MÃOS DE OURO E OS CORAÇÕES VALENTES

De uma conversa com um grupo de artistas
e trabalhadoras amadoras de Kavajë



O ENTARDECER JÁ CHEGOU. A CIDADE ESTÁ TODA DECORADA COMO NUNCA antes na véspera do Ano Novo. As ruas estão movimentadas, cheias de pessoas e carros. As luzes estão acesas por toda parte. Todas as lojas estão lotadas com uma grande variedade de produtos e permanecem abertas até tarde da noite. Nas fábricas e escritórios, todos estão se esforçando ao máximo nestes últimos minutos do último dia do ano para impulsionar a produção e cumprir o plano de cinco meses.

Estamos reunidos em um salão no terceiro andar do novo prédio da Empresa de Tapetes e Carpetes Artísticos. Aqui, conversamos com um grupo de trabalhadoras que também fazem parte do conjunto artístico amador da empresa.

R. Arkaxhiu, uma mulher chefe de turno, está compartilhando: “Acho válido escrever sobre nosso conjunto artístico, embora ele não seja exatamente novo ou desconhecido. Ele existe há muito tempo, mas nos últimos três anos cresceu e adquiriu suas características atuais, principalmente após o discurso do camarada Enver Hoxha em 20 de dezembro de 1974. Após esse evento, cerca de um quarto das mulheres e jovens daqui se juntaram a nós. Você pode estar se perguntando quantas trabalhadoras e mulheres sem véu havia antes da libertação do país. Para ser preciso, seria necessário consultar os registros históricos da cidade, mas provavelmente não ultrapassava 20, em uma época em que tínhamos apenas 7.000 habitantes. Kavajë carregava as marcas profundas do passado, como a fome, o desemprego, o atraso econômico, o analfabetismo e o fanatismo. Hoje, somos uma cidade

com 25 mil habitantes. Temos milhares de trabalhadoras e especialistas, muitas com formação superior, ocupando cargos importantes nos órgãos do Partido e do Poder Popular, o que é motivo de orgulho para nós. Só na nossa empresa, mais de 1.200 mulheres e jovens trabalham. A assistente da célula, a diretora e a vice-diretora da empresa vieram de dentro desse grupo. Os veteranos da empresa, incluindo os primeiros membros do grupo artístico, já estão envelhecendo, mas novas forças continuam se juntando a nós constantemente. Vullnete, Kristina, Valbona e várias outras são algumas das recém-chegadas”.

Vullnete compartilha: “Ao ler o discurso do camarada Enver Hoxha em 20 de dezembro, fomos contagiadas pelo entusiasmo. Ele nos mencionou de forma especial: ‘Assisti a uma transmissão de TV’, disse o camarada Enver Hoxha, ‘e ouvi canções folclóricas muito bonitas dos cantores de Kavajë, que me encantaram. Elas falavam sobre as habilidosas moças que tecem tapetes’. Foi a partir daí que as jovens mais talentosas se uniram ao nosso grupo. As veteranas dançarinas, as mulheres comunistas Marieta e Dima, deram lugar a dançarinas mais jovens. As mais antigas são Nafrika e Fania, que ainda estão conosco. Elas nos ensinaram não apenas a arte de tecer tapetes e carpetes finos, mas também a ter coragem, iniciativa e talento para cantar e dançar. As músicas e as danças agora são parte essencial de nossas vidas. Alguns fanáticos ousaram criticar as meninas que se uniram ao grupo por conta própria. Na época, três ou quatro de nós estavam prestes a casar. Diante desses rumores mal-intencionados, o que fazer? Desistir? De jeito nenhum! Nem passou pela nossa cabeça. Discutimos o assunto com os comunistas locais, bem como com Dima e Fania. Fania ainda lidera o grupo quando fazemos turnês. Não a deixaremos sair de nosso convívio, e ela também não deseja se separar de nós.”

Fania e as outras mulheres mais experientes são como mães e irmãs para nós, são nossas mentoras e professoras. Sua vivência nos guia com coragem. Mas, voltando ao assunto, enfrentamos dificuldades no início. Por isso, busquei conselho com minha sogra. ‘Mãe, o que devo fazer?’, perguntei. ‘Tia Fania, Dima e outras mulheres dançam juntas... querem que cantemos juntas para celebrar a nova vida e o trabalho..., mas alguns fanáticos

mais antigos acham que é errado dançarmos'. 'Permaneçam unidas, minha filha, exatamente como o partido orienta. Continue cantando para o partido e para Enver Hoxha! Deixe os fanáticos, aqueles que se escondem nas sombras, se enfurecerem. Agora é a vez deles sentirem vergonha, como costumávamos sentir antes. Porque agora temos a luz do sol do nosso partido. Cantem e dançam, para contrariá-los, é claro!'

As apresentações artísticas que realizamos nos últimos dois anos foram exibidas não só em nossa cidade, mas também em outras localidades. Fizemos turnês em outras cidades."

Fania (a membra veterana do conjunto): "As moças do nosso grupo são algumas das melhores trabalhadoras da empresa. Elas ensaiam as apresentações depois do expediente. Todas elas têm uma compreensão clara das relações entre o trabalho de produção e as atividades artísticas. O trabalho de produção tem prioridade. Quando alcançamos bons resultados na produção, a música, a dança e tudo o mais ganham mais vida, mais força e ficam mais vibrantes. Vullnete e Kristina são exemplos disso, sempre se destacam em suas tarefas na produção, mas também são verdadeiras mestras na arte da dança. Todos nós, especialmente as mais jovens, enfrentamos dificuldades no começo. Lembro-me do dia em que Nafrika, que agora é nossa diretora, se juntou ao partido. Foi um momento marcante para todas nós. Cantamos canções revolucionárias, canções dedicadas ao trabalho e à produção, canções que celebravam a alegria de viver. Dima também é uma mulher ativa, mas quando subiu ao palco pela primeira vez, enfrentou críticas. A encorajamos a seguir em frente com coragem. Ela superou todas as críticas conservadoras com uma atitude revolucionária. Nos anos 50, quando nossa geração começou a se envolver nas atividades sociais, tínhamos um trabalho árduo pela frente. Naquela época, o fanatismo era muito prevalente e agia de maneira desenfreada. Hoje em dia, o fanatismo ainda tenta controlar ou interromper nosso impulso revolucionário. Às vezes, quando o conjunto está se apresentando e as meninas estão cantando, digo a elas para cantar mais alto, embora não seja o correto. E elas respondem surpresas: "Tia Fania, essa música é para ser cantada suavemente". Eu sei que elas estão certas, mas meu coração me diz para cantar mais alto, só

para irritar os fanáticos. No final, essa é a nossa luta, é uma forma de luta: nos lembra da luta armada durante a Guerra de Libertação Nacional, dos esforços que fizemos após a libertação do país para estabelecer e fortalecer o Poder Popular. Hoje, assim como naquela época, lutamos pelo socialismo, pela nossa própria emancipação, em todos os aspectos, seja no trabalho de produção, na escola, no palco, nos campos de treinamento militar, estamos sempre lutando.

INFORMES PARA HOJE E PARA O AMANHÃ

A Mãe e seus Descendentes



ERA UMA MINA NOVA. TUDO ALI ERA NOVIDADE: OS TRABALHADORES, AS GALERIAS, o entusiasmo e a dedicação ao trabalho. Ela ganhou o nome simples, mas marcante, de “Pedra Vermelha”. Esse nome se integrou à vida da cidade, tornando-se familiar, presente em suas ruas, fábricas, praias, vinhedos e jardins, embelezando-a e inspirando reflexões.

Um caminho íngreme, ladeado por altos carvalhos verdes de ambos os lados, era como uma pequena ponte, uma artéria vital, conectando a cidade à nova mina nas profundezas das montanhas, onde estão suas raízes e a Cervenaka.

Cervenaka foi estabelecida em uma data memorável, em 8 de março de 1959. Suas casas, parte quartel, parte residência, amontoavam-se em um vale varrido pelo vento, com um pequeno pátio e um jardim de flores.

Apesar de contar com apenas alguns prédios, eles abrigavam tudo o que era necessário para conectar esse centro à atividade da nova mina. Havia um refeitório, o centro de progresso tecnológico com muitas fotografias, gráficos, medalhões e livros, incluindo obras do camarada Enver Hoxha, Anti-Dühring, obras selecionadas de Vladimir Lênin e Karl Marx, além de muitos romances. Carvalhos verdes cercavam o local, próximo a um reservatório e um campo de centeio pontilhado de papoulas.

“Olhe esta foto”, diz Vangjel Temo, que dedicou quase vinte e cinco anos ao serviço geológico e à mineração. Agora, como presidente dos sindicatos de Qervenaka, ele compartilha: “Veja. Foi assim que começamos. Junto com o minério, encontramos cartuchos enferrujados da Primeira Guerra Mundial”.

Tudo na mina principal carregava as marcas da história, da modéstia,

da abnegação e dos sorrisos de seus mineiros, estampados para sempre nos rostos de seus filhos, como Thimaq, engenheiro-chefe da mina. Ele se orgulha em relatar o aumento da produção, a economia, a modernização e a mecanização dos processos de trabalho, bem como a luta contra as dificuldades causadas pelo bloqueio, culminando na mais alta honra da mina, a Ordem de Trabalho de Primeira Classe, concedida pelo Presidium da Assembleia Popular da República Popular Socialista da Albânia ao coletivo da Empresa de Ferro-Níquel de Cervenaka.

“E assim, dobramos a produção”, acrescenta Thimaq, “mas é melhor você escrever sobre nossas colegas”. De fato, o registro da vida na mina foi enriquecido com um novo elemento: a presença gradual das mulheres. No começo, era apenas uma delas, Orita, comunista e ativista da União das Mulheres da Albânia (BGSH). Drita é uma mulher muito ativa e inteligente. Ela batalhou para emancipar a si mesma e suas colegas. Agora, muitas outras mulheres trabalham na mina de Cervenaka. Elas mostram seu verdadeiro espírito de luta e dedicação ao trabalho, mesmo quando a neve bloqueia o vale e se acumula nas janelas, obrigando-as a caminhar juntas, em fila, ao longo das paredes para chegar a tempo aos seus postos de trabalho.

“No começo, foi difícil para nós”, diz Drita. “Veja o caso da companheira Fatmira, assistente da nossa célula do partido. Ela veio diretamente do campo, mas, uma vez aqui, começou a enfrentar os preconceitos e as dificuldades. É uma honra ter nos tornados membros de um coletivo de mineiras determinadas e incansáveis. Aprendemos muito com seu espírito modesto e altruísta. Foi aqui que se moldaram personalidades como a de Shahe, a enérgica militante da organização da juventude, Drita, a assistente do escritório de suprimentos, Minire e Feride, que distribuem leite”.

Cervenaka, a mina-mãe, possui um extenso histórico de atividade e uma longa jornada de luta. Os mineiros estão confiantes no futuro promissor de sua “prole”, a nova mina “Pedra Vermelha”. Assim como toda boa mãe, ela cuida de todas as preocupações, grandes e pequenas, que surgem. Ela treinou e enviou 56 jovens para se especializarem na administração da usina de beneficiamento de minerais, que está alcançando novos patamares à beira do lago, em Mirdita, Elbasan e Bulqizë.

Esses jovens, atualmente em cursos por todo o país, serão responsáveis por lidar com o minério. O trajeto do minério por trem vai desde a mina “Pedra Vermelha”, passando pela fábrica de refinamento de minerais, até a planta nº 12 da Combinação Metalúrgica em Elbasan.

A mina-mãe se alegra com a vitalidade e a juventude de seus descendentes. Ela sabe que os mineiros do setor sul, o mais recente na “Pedra Vermelha”, estão concluindo seu trabalho e alcançando o horizonte 870 antes do previsto. No setor central e na escavação dos poços da mina, os mineiros também alcançaram um novo sucesso: uniram forças para chegar ao horizonte 750 com o novo poço auxiliar antes do previsto.

Mãe e “prole” orgulhosas, estão lado a lado, competindo de maneira saudável. Mais adiante, há um trecho de estrada que termina na entrada da fortaleza de Pogradec. O novo hotel, que se assemelha a um grande pássaro quando visto de longe, foi construído com maestria e destreza, e leva o nome da nova mina, “Pedra Vermelha”, escrito em seixos brilhantes.

O MONÓLOGO DA VOLUNTÁRIA NA CONSTRUÇÃO DE UMA FERROVIA



Diante de mim ergue-se um monumento de pedra, dedicado a um evento marcante. Uma música embala a atmosfera, celebrando a razão pela qual esse monumento foi erguido.

“Houve uma nuvem de fumaça e neblina, alguns tiros ecoaram ao longe, alguns bravos combatentes destemidos, que desconhecem o medo, atacaram o inimigo e prevaleceram.”

Há cerca de trinta e cinco anos, um grupo destemido de comunistas e partisanos embarcou na jornada da guerra. Hoje, seguimos esse mesmo caminho na construção desta ferrovia.

Neste crepúsculo de uma noite bela, o vale ressoa com nossa música. As moças estão por toda parte: algumas lavam roupas à beira do lago, outras estão em casa, enquanto algumas se juntam aos rapazes para ensaiar na orquestra. Após o trabalho, teremos uma festa dançante esta noite.

Nós fazemos parte da 1ª Brigada Voluntária de Estudantes de Medicina, engajados na construção da ferrovia no setor de Pojskë. Preocupamo-nos porque não conseguimos atingir a meta de trabalho por dois dias seguidos, ficando atrás da 2ª Brigada de Estudantes de Medicina. Hoje, realizamos uma reunião operacional junto ao monumento, com a presença de repórteres fotográficos e jornalistas. Fizemos uso da palavra para criticar e fazer uma profunda autocrítica. Nosso comandante, um jovem firme, porém severo, criticou a si mesmo pela falta de eficiência na organização do trabalho. Depois de dias cavando o canal, agora precisávamos dobrar os esforços para compensar o tempo perdido. Em dois dias, os trilhos serão colocados aqui e o trabalho no setor de Pojskë será concluído. O comandante nos instou a seguir o exemplo dos melhores da nossa brigada.

Decidimos alcançar as metas estabelecidas pelos nossos melhores cole-

gas, como Muharrem, Agron, Mimoza, Fatmir, Enver e Lulieta, e proclamamos os dias restantes como dias de ofensiva em todas as frentes de trabalho.

Somos muitas meninas em nossa brigada. Nossas mãos estão cheias de bolhas e queimadas pelo sol, mas jamais aceitaríamos ficar em último lugar na brigada. Na noite anterior, uma de nossas colegas escreveu uma carta de reclamação para a mãe, mas lançamos um olhar repreensivo e ela a rasgou em pedaços, que caíram no chão. Ela se abaixou e os recolheu um por um, ganhando tempo.

“Escutem, meninas, o que aconteceu na Usina nº 12 da Combinação Metalúrgica”, disse nossa comissária, “A Usina nº 12 está conosco, assim como este monumento, esta música e este belo e sereno lago”. A comissária lê o jornal:

“A planta nº 12 está fervilhando com a atividade dos construtores. Perto dali, identificamos os vestígios de um forno em operação. Mais distante, a usina siderúrgica, e em frente à sala dos conversores, um quadro de avisos exibe um pôster em letras garrafais. Os ilustres trabalhadores do forno nº 3 pedem aos do forno nº 2 que acompanhem o ritmo das fundições, produzindo mais aço para a pátria. No estande da brigada de soldadores, uma foto do camarada Enver Hoxha entre os trabalhadores metalúrgicos, junto daqueles que deram ao partido e à pátria o primeiro ferro-gusa de nosso alto forno”.

Sim, agora temos nosso próprio Complexo Metalúrgico. Trabalhadores e construtores como Mehmet Bektashi, Maço Polena, Llazar Papamihali e o ex-trabalhador Liman, agora diretor da Fábrica nº 12 no coração do nosso Complexo Metalúrgico, são nomes familiares para nós.

Ao cair da noite, uma melodia ressoa pelo ar. É a canção dos mártires de Pojskë:

*“Uma nuvem de fumaça e névoa surge,
Alguns tiros são ouvidos ao longe...”*

Eles eram jovens como nós, cheios de sonhos para um futuro promissor. Agora, aqui estão eles entre nós, nesta ação em massa da juventude. Serão os guardiões de nossas esperanças e aspirações neste local, onde seu monumento se ergue em direção ao céu. Antes, ele se destacava em meio a uma

planície árida, às águas azuis do lago e, ao longe, ao frio e pensativo Mali i Thatë. Mas nós chegamos para acrescentar o ímpeto de nossa juventude à sua gloriosa façanha. Jamais esqueceremos essas noites junto ao monumento de Pojska, à futura estrada mineral. E avançamos incessantemente rumo à nossa nova fábrica. Nossa juventude. Não sei por que isso me faz lembrar das papoulas. Talvez porque as encontramos abundantemente em cada centímetro desta terra, talvez porque elas guardam o lema do passado e do futuro da minha geração.

COMPAÑERA ALBANESA

EM MOMENTOS HISTÓRICOS CRUCIAIS, AS MULHERES albanesas demonstraram sua força e capacidade de resistir a todas as adversidades, caminhando lado a lado com seus homens. Sempre foram impulsionadas pelos ideais nobres de liberdade e progresso. Esta narrativa aborda um aspecto da Guerra Civil Espanhola pela liberdade, na qual as mulheres albanesas também lutaram ombro a ombro com seus companheiros e irmãos nas Brigadas Internacionais. (Nota da editora)



— *Compañera*, eu vi as listas dos feridos. Há um albanês. Pode ser seu irmão? — perguntou Carmen.

— Onde ele está? — indagou Kristina, pegando-a pelo braço, e ambas saíram correndo para o corredor do hospital.

Todas as noites, novos grupos de feridos eram trazidos da frente de batalha. As moças desciam apressadamente e, ao passar por um homem ferido que descia as escadas, o som de suas garras batendo no chão de mármore ecoava pelo ambiente.

— Quem pode ser? — questionou-se Kristina, com o rosto de Dimo sempre presente em sua mente.

O crepúsculo caía sobre o pátio do hospital, repleto de carros de ambulância que levavam os feridos para a estação. Os ânimos estavam exaltados em Múrcia. A cidade parecia ter sido gravemente ferida, embora ainda não apresentasse cicatrizes visíveis. Os republicanos mantiveram a irmã de Franco como refém, evitando assim os bombardeios aos hospitais da Brigada Internacional. No entanto, agora estavam se dirigindo para o norte, rumo a Barcelona, com as aeronaves da legião “Condor” de Hitler e os fas-

cistas de Franco constantemente sobrevoando.

Os dedos de Kristina foram instintivamente até a carta de Dimo, que ela sempre carregava consigo. Era uma carta especial, escrita em nome de todos os seus companheiros albaneses. Kristina a leu várias vezes, quase decorando-a: “E o dia amanheceu na altura de 196 nas bandas do Ebro, revelando os cadáveres dos inimigos, um brilho fraco em seus capacetes. Um avião continuava sobrevoando e cento e vinte peças de vários calibres nos mantinham sob fogo cerrado. Uma de nossas casamatas foi explodida. Comunicação com nossa equipe foi interrompida. Apenas dois abrigos foram deixados intactos, com nove homens e uma metralhadora cada. Então, todos nós nos aventuramos a tentar restabelecer a ligação com a equipe. Só agora conseguimos passar e sair ilesos sob a saraivada de balas que continuava a chover sobre toda a área, ninguém sabia dizer. Mas, de qualquer forma, o contato foi restabelecido e duas companhias do nosso batalhão montaram uma contraofensiva. Em trinta e cinco minutos, os dois batalhões do inimigo foram derrotados, espalhando seus cadáveres pelos vinhedos que foram arrasados. Não restou um único pinheiro de pé, e tudo foi derrubado e alterado. Se vocês pudessem ver como nossos camaradas atacaram sob balas fascistas, gritando: *‘Viva la vida!’*”

Kristina acariciou a carta com seus dedos pequenos e finos e sentiu-se maravilhosamente forte. Agora ela percebia o encanto da carta. Ela terminava com *“viva la vida!”*. Era por isso que a compañera albanesa nunca se cansava. Ela nunca desistia, mesmo quando tinha de enfrentar as tarefas mais difíceis, mesmo nos momentos mais críticos. Kristina permanecia ao lado do leito dos feridos, nunca se cansando de limpar as feridas inchadas, feridas causadas pelas balas fascistas. Ela reconhecia todos os tipos de balas pelas feridas que limpava...

— Aqui, este é o albanês! — afirmou Carmen.

Kristina ficou subitamente pálida ao reconhecer o denso cabelo escuro de Dimo Orhani. Ela sempre se orgulhou de sua coragem, mas ninguém podia ler em seu rosto as batidas e o tremor de seu coração. A guerra é uma escola severa e, apesar disso, agora ela mal conseguia mover as mãos quando se inclinava para sentir o pulso dele; elas de repente lhe falharam.

— Ele está vivo! Ele está vivo! — exclamou com alívio, que era mais uma tentativa de convencer a si mesma — Ele está vivo, ele está vivo, Carmen!

— Seu irmão? — perguntou Carmen, sem entender o que a albanesa dizia em sua língua materna.

— Sim! — confirmou Kristina — Ele é meu irmão. Ajude-me a levá-lo!

Carmen sabia que sua companheira albanesa nunca se perturbava tão facilmente. E ficou surpresa ao perceber pressa e impaciência em seus movimentos.

— Rápido, rápido! — insistiu Kristina, dessa vez muito alarmada.

Eles levaram Dimo diretamente para a sala de operações. Kristina não teve tempo de esperar pelo resultado da operação. Pediu a Carmen que cuidasse dele e entrou em um carro de ambulância que o levaria para a estação.

O crepúsculo caía lentamente naquela noite. O crepúsculo era cinzento e vagava relutantemente sobre a cidade conturbada. Ele estava penetrando no coração de Kristina junto com o pensamento da última noite na *Casa Roja*. Ela estava usando um vestido leve. Suas mãos tremiam e ela se arrepiava de vez em quando. Mas Kristina nunca se entregou. O caminho do hospital para a estação de trem estava sempre movimentado, com carros de ambulância entrando e saindo rapidamente. Dimo foi o último a ser operado na *Casa Roja*.

Quando voltou para buscar outro grupo de feridos, encontrou Carmen no patamar. A jovem sussurrou de forma quase inaudível:

— A albanesa ainda não foi expulsa da sala de operações.

— Eu sei, Carmen, eu sei... — respondeu Kristina.

Dimo foi trazido do Ebro, do antigo leito do rio, levando consigo a saudade e a tristeza de seus companheiros mortos.

Naquela noite, com o trânsito agitado do hospital até a estação ferroviária, com o movimento constante e o barulho dos carros de ambulância, a agitação febril dos médicos e dos trabalhadores do setor sanitário, o tempo parecia ter perdido algo, que estava em busca persistente de algo. Olhando para o belo rosto de Carmen, os pensamentos de Kristina se voltaram para os caminhos dos povos, aparentemente distantes, mas que de repente se cruzam como que por predestinação. E agora Kristina não conseguia se

imaginar fora desse tumulto, longe desse hospital, dessa guerra. É verdade que ela teve que passar por muitos testes e provações até chegar aqui com um passaporte obtido por seus companheiros, mas isso não tinha nenhuma importância especial agora. Durante todos esses dias, ela andou pelas ruas de Paris, de um endereço a outro, sem fôlego, abrindo caminho entre multidões de manifestantes, em busca de Halim Xhelo e Gaston Bronn. Mas, em vez disso, ela conheceu Dimo Orhani. Dimo era um dos primeiros voluntários da Albânia a ir para a Espanha. Kristina esperava encontrá-lo em Madri, mas lá estava ele em Paris, perto dela novamente, como se nunca tivessem se separado! Dimo a apresentou aos médicos e enfermeiros que partiriam para a Espanha em um pequeno barco e desapareceu sem deixar vestígios, como se a terra o tivesse engolido. Porém, assim que ela desembarcou em Port-Boué, foi informada de que um albanês estava procurando por ela. Dessa vez, ela tinha certeza de que se tratava de Dimo. Eles partiram imediatamente para Albacete, onde encontraram vários albaneses das Brigadas Internacionais.

E, em pouco tempo, eles se encontraram na *Casa Roja*. Durante esses anos, os fios da vida de Kristina estavam emaranhados com os acontecimentos em todas as frentes de luta dos albaneses.

Kristina sorriu. Em seu vagão, o vagão número 21 do trem de carga, a voluntária albanesa cuidaria de vinte e dois combatentes gravemente feridos. Nenhum deles podia se mover. E Dimo!... Dessa vez, no último turno, ela saberia se Dimo estaria com ela.

A grande praça em frente à estação ferroviária, que estava cheia de feridos, estava quase vazia agora. O trem-hospital, que partiria para Barcelona, estava tão lotado que mal se acreditava que pudesse transportar essa carga, que pudesse se mover em seus trilhos.

Kristina parecia menor e mais magra do que o normal. Mas ela tinha coragem suficiente para servir os feridos sem trair seus sentimentos por causa de Dimo. Ela falou com eles com uma voz calma. Disse-lhes que tinha vindo de muito longe, da Albânia, para atender aqueles rapazes robustos dos cinco continentes, de cinquenta e três países do mundo, para ajudá-los a voltar para a frente de batalha.

Foi uma noite longa. Kristina carregou todos eles até a carroça, a maioria em seus ombros. Dimo, tio Fernandez, também. Dimo estava inconsciente. Sua vida estava por um fio. Kristina se arrepiou só de pensar nisso. Ela andava para lá e para cá cuidando dos feridos como uma boa mãe e cuidando para que seus pacientes não sentissem frio, fome ou dor. Ela percebeu que os feridos e os doentes são como crianças de verdade que precisam de cuidados, amor e coração. Ela até tentou fazer algumas piadas para levantar o moral deles durante aquela viagem tediosa e arriscada. Ela mesma havia sido criada em circunstâncias ruins. Mas a grande hora de sua vida chegou um dia, quando ela conheceu os comunistas, seus amigos e companheiros de armas.

— O trem hospitalar com destino a Barcelona!

O alto-falante anunciou isso em diferentes idiomas, com uma voz melancólica, como se estivesse pronunciando a despedida de Múrcia:

— Até nos vemos novamente, camaradas! Kristina sentou-se ao lado de Dimo, cortando o curativo com uma tesoura pequena enquanto observava os movimentos dele com o coração na boca.

Ela mal podia esperar para ouvir uma palavra em sua língua materna. Apenas uma palavra: “Bem!”. Quem já esteve em terras estrangeiras sabe muito bem o que é significa ouvir uma palavra em sua língua materna, uma palavra preciosa e extremamente amada. — Eles estão vivos! Eles estão muito bem, Kristina... as palavras lhe vieram mecanicamente... Nós escrevemos com nosso sangue “*No pasaran!*” nesta terra... Ela perguntava a Dimo sobre todos os albaneses que estavam lutando na frente do Ebro. Todos tinham voltado seus olhos para o Ebro. O Ebro era a última fortaleza.

— O trem para Barcelona está pronto para partir!

Os vagões começaram a se mover. E Kristina ouviu seus companheiros se debatendo de dor.

O trem estava correndo à noite, com um apito prolongado, passando por Valência, entre o Mediterrâneo e o Ebro, até Barcelona.

Kristina segurou gentilmente a mão de Dimo e observou com profunda emoção suas maçãs do rosto salientes, seu rosto que não dava nenhum sinal de vida. Seu pulso era fraco. Ele ainda estava dormindo sob o efeito

da narcose. Seu rosto estava pálido e todos os cabelos haviam ficado grisalhos. Ela sentiu uma pontada, uma dor aguda em seu coração ao vê-lo tão alterado. O tio Fernandez estava em frente a eles e viu bem o coração dela, pois ela mal podia deixar de expressar seus sentimentos.

— *Compañera albanesa*, não se desespere! — ele rebateu, como se tivesse lido todas as preocupações dela em sua testa. — Comunistas genuínos como esse jovem albanês sempre gritarão ‘Viva la vida!’, não é mesmo?

— Sim, tio Fernandez.

Exceto pelo fato de que Kristina queria gritar bem alto, com a voz bem alta, para que todos ouvissem: “Por que ir a Barcelona à noite, tio Fernandez? Muito sangue foi derramado nesta terra. A partida é amarga, mais amarga do que a própria morte...”... O trem ofegava durante a noite, seguindo seu caminho em direção a Barcelona, ao Ebro e ao Mediterrâneo. A noite estava nublada, mas mesmo as noites claras, cheias de folhas de outono esvoaçantes, eram semelhantes nessas colinas. Não se ouvia a voz gorgolejante de Carmen. A menina estava em seu vagão, e toda a noite chuvosa se passou sob o ruído distante dos aviões de combate da legião “Condor”.

Kristina se sentia cansada. Ela havia passado noites e dias sem dormir. Agora parecia estar acostumada com aquele estado de sonolência, mais acordada do que dormindo, característico de todas as mães que vigiam cada respiração de seus filhos pequenos. Ela ouvia imediatamente até mesmo o movimento mais imperceptível do tio Fernandez ou de Dimo.

No vagão número 22 do trem de carga, eles estavam cantando:

“Soldados: ¡la patria Nos llama a lid Juremos por ella Vencer o morir!”

Foi uma noite longa. Kristina não sabia dizer se toda a esperança dentro dela havia desaparecido. Não, nada havia morrido dentro dela. Exceto que ela sentia que, em algum lugar, os répteis estavam se aproximando da terra sangrenta da Espanha com seu corpo frio e preguiçoso na escuridão. Não era mais uma terra estranha.

“Soldados: la patria!”

A música foi cantada por todos em voz baixa. Os camaradas dormiam no seio desta terra. Em seu seio caloroso, perto de oliveiras centenárias, sempre-vivas, perto das ruínas de Bilbao e das feridas de Guernica, que cons-

truíram a confiança dos companheiros de todos os continentes.

— Kristina!

Ela se curvou sobre o tio Fernandez e ajustou os cobertores sobre os ombros dele.

— Kristina, você está ouvindo? — perguntou o velho, sem respirar. A uma grande distância, o ruído borbulhante do Ebro chegou até eles.

— Sim! — disse Kristina.

Só então ela percebeu que o tio Fernandez estava lhe estendendo um buquê de flores. Ela ficou encantada. Ela o ofereceria a Dimo assim que ele acordasse. Ela guardaria o buquê de flores que um homem idoso havia lhe oferecido naquela última noite, durante a corrida apressada pelos caminhos das batalhas, e o mostraria aos seus companheiros. Kristina sentiu no fundo do coração que o momento estava se aproximando. Parecia-lhe que, durante toda a sua vida, ela não havia feito nada além de enfaixar ferimentos, curar os feridos, segurando flores brancas na mão enquanto as batalhas aconteciam por toda parte.

— Compañera albanesa, estas flores... os rapazes as trouxeram para você... — disse o tio Fernandez.

Ela mal conseguia encontrar uma palavra para agradecê-lo. Mas também não encontrou tempo. Assim que saíram de Valência, os aviões fascistas começaram a bombardear o trem.

Kristina permaneceu de pé no meio do vagão de carga, como se quisesse carregar todos os feridos sobre si, como se quisesse carregar todo o peso do sofrimento deles em seu corpo delicado. Ela sabia muito bem que nenhum dos feridos poderia sair do vagão e, então, mais do que nunca, sentiu que a vida de uma pessoa poderia estar centrada em um único momento. Ela tinha plena consciência de que havia vivido até aquele momento, aquela ocasião, em que sua vida também poderia valer alguma coisa, por menor que fosse.

Ela permaneceu ali, sorrindo, enquanto observava cada um deles.

Lá fora, a situação era caótica. Contudo, Kristina não deixou desaparecer sua preocupação. Ela não queria que os feridos, que a encaravam fixamente, percebessem a realidade em sua expressão.

Apesar de magra e delicada, ela era a única pessoa de pé no vagão nú-

mero 22 do trem de carga. Parecia estar ali como um carvalho, com raízes profundas e galhos altos, como se desafiasse os trovões do céu negro. Então, de repente, ela foi a primeira a entoar a música: “*Soldados, la patria*”. Os demais se uniram a ela como se estivessem hipnotizados. Se não fosse por uma explosão, interrompendo a palavra do tio Fernandez, tudo pareceria um sonho.

Mas o tio Fernandez ainda estava sangrando. — Kristina, que sempre observava o Dr. Norman Bethune durante os momentos críticos na linha de frente da batalha, segurou o tio Fernandez e começou a fazer uma transfusão de seu próprio sangue. Tudo ocorreu em uma velocidade impressionante. Kristina viu os olhos do velho fixos nela, arregalados e com a respiração acelerada.

O buquê de flores delicadas, com suas pétalas frescas, flutuava no meio do sangue.

Os feridos permaneciam tensos e em silêncio.

Kristina segurou firme o tio Fernandez ao seu lado. O sangue da jovem albanesa escorria continuamente em um silêncio desconcertante. Os feridos acompanhavam aquele fluxo como se estivessem hipnotizados por ele. Dimo Orhani, que acabara de recobrar os sentidos, também observava aquela transfusão. Surpreso com tudo aquilo, ele olhava alternadamente para cada um deles, como se quisesse gravar aquela cena em sua mente para sempre.

A FIGURA DA MULHER NAS CANÇÕES FOLCLÓRICAS DO DISTRITO DE GJIROKASTËR



Um lugar de destaque nas canções populares de Labëria é ocupado pela imagem da mulher, que ao longo da nossa história, do passado ao presente, foi retratada sob diferentes perspectivas, mas sempre com amor e respeito.

Diante da nossa realidade atual, é difícil imaginar nossas mães e avós, todas as mulheres e meninas da cidade, vivendo uma vida de reclusão dentro das quatro paredes de casa, proibidas de sair, presas em uma monotonia desesperadora, como se fossem escravas de seus maridos.

Como mencionado pelo camarada Enver Hoxha em sua saudação aos alunos e professores da Escola Secundária “Asim Zeneli” por ocasião do 50º aniversário de sua fundação, nas canções que “nossas avós e mães cantaram para seus filhos desde o berço, elas lamentam sua própria miséria e opressão”:

*“Na ponte de Zerzibili,
Querida filha de Bakiri,
A bala do vilão te derrubou,
Pois você ousou mostrar o rosto”.*

Essas canções revelam a séria injustiça social que as mulheres albanesas enfrentaram no passado. Em suas melodias e lamentações, elas expressam:

*“Fragilizada como uma folha de grama,
Pura como uma folha de ouro,
Garota sem sorte sempre em luto,
Uma vida desaparecida”.*

Um sentimento de desespero é especialmente perceptível nas canções que retratam a garota que se viu obrigada a se casar contra sua vontade com um homem escolhido pelos pais:

*“Não irei, oh mãe,
Minha mãe, oh mãe!
Você deveria ir, ou morrer,
Pois não posso negar minha promessa”.*

Esses casamentos forçados não tinham limite de idade; havia casos em que a moça tinha apenas 15 anos e o marido mais de 40, como diz a canção:

*“Em Vlorë, você se casou comigo,
Eu sou jovem, oh, muito jovem,
Me vendeu para um homem de quarenta anos,
Eu sou jovem, oh, muito jovem!”*

As canções populares que tratam das mulheres da cidade pintam um quadro claro de sua total falta de direitos, mas também existem diversas outras canções que exaltam a imagem moral das mulheres. Isso é evidente principalmente nas canções que retratam heroínas camponesas, que, devido a fatores econômicos e outros, desempenhavam um papel fundamental na vida familiar e na sociedade. A antiga economia agrícola do nosso país, voltada para a criação de gado, e a constante ausência dos homens em casa, seja conduzindo seus rebanhos ou emigrando, contribuíram para aumentar o papel das mulheres nas questões familiares e sociais. As canções folclóricas que abordam esses temas mostram as mulheres como parceiras de seus maridos na luta pelo sustento e pela liberdade. Menciona-se não apenas a lutadora albanesa pela liberdade Gjoleka de Labëria, mas também:

*“Kurvelesh de pedra e rocha,
Onde as mulheres empunham suas espadas sozinhas”.*

Essas canções demonstram que, apesar dos preconceitos contra elas, as mulheres abriram caminho corajosamente, determinadas a colocar suas habilidades revolucionárias a serviço da sociedade. Essas qualidades foram aprimoradas e desenvolvidas durante a Guerra de Libertação Nacional.

A imagem das mulheres albanesas é exaltada nas canções compostas ao longo do século 20, especialmente durante a gloriosa época da Guerra de Libertação Nacional, quando as tradições patrióticas das mães foram revividas e seu papel na criação dos filhos e filhas foi fundamental para instilar valores como patriotismo e aversão a invasores estrangeiros:

*“Nós os criamos na miséria,
Alimentamos com pão e salmoura,
Damos bons conselhos e orientações
Para que se comportem bem em companhia.”*

Esses versos resumem o sacrifício das mães albanesas, que, apesar da extrema pobreza, conseguiram criar seus filhos e educá-los para honrar as tradições familiares e nacionais.

Os poetas populares exaltam as mães que deram à luz filhos e filhas corajosos, heróis da liberdade que sacrificaram suas vidas pela pátria:

*“As mães os trouxeram ao mundo para serem
Criadores de um novo século,
Homens valentes, a nata dos bravos,
Suas jovens vidas para a pátria que vocês deram.”*

O papel ativo das mães na educação patriótica de seus filhos, incentivando-os a pegar em armas, é claramente evidente nas canções dedicadas à guerra contra os invasores fascistas italianos:

*“As mães cobram: ‘onde estão seus filhos?’
Pegue as armas e combata-os!
Se você não tiver armas, não terá armas,*

Tire-os do miserável cão de caça!”

A coragem e o espírito patriótico das mães da Labëria também são evidentes nas canções dedicadas aos mártires, homens e mulheres. Elas não se curvam diante da dor da perda de seus filhos, mas encontram força para lutar pela liberdade da pátria, seguindo o exemplo de seus filhos:

*“Não é hora de meu filho chorar,
Do luto e das lágrimas vem a vingança,
Rapazes, levantem-se, varram o fascismo!
Para que não tirem mais nossos filhos!”*

Essas canções expressam a dor da perda e a alegria do povo pelas conquistas alcançadas no país:

*“Eles morreram, mas venceram,
O que fizeram deu frutos,
Agora todos podem dizer que
O comunismo criou raízes.”*

A herança popular também conta com poemas dedicados aos feitos heróicos das mulheres lutadoras, que, com sua coragem durante a guerra, expressam sua revolta contra o passado amargo. Uma dessas canções, dedicada à mártir Bukurie Bazo, diz:

*“Os laços pesados da escravidão,
As antigas correntes do fanatismo,
A miséria e o estresse terrível,
O fascismo e todos os seus resíduos,
Você se ergueu corajosamente para destruí-los!”*

Nas canções dedicadas à figura feminina durante a Guerra de Libertação Nacional, há um grande apreço dos poetas populares pelas mulheres,

que não são mais consideradas seres inferiores, mas sim co-lutadoras e companheiras de armas que compartilham ideais comuns com os homens:

*“Meninos e meninas, a nata do país,
recebem suas ordens do partido.”*

A questão da emancipação das mulheres e sua contribuição igual à dos homens na vida política e social percorre como um fio vermelho a linha de ação do nosso partido. O camarada Enver Hoxha apontou claramente que o partido sempre se pautou pelo “princípio inalterável de que a emancipação das mulheres albanesas é uma condição urgente e primordial na luta pela libertação do povo de todos os tipos de jugo”.

Além de livrá-las de todos os resquícios feudais e burgueses, a participação das mulheres no trabalho de produção as ajuda a avançar para um nível mais alto de emancipação. Isso se reflete nas canções dedicadas à emancipação completa da mulher, que ocupam um lugar importante no repertório do nosso novo folclore:

*“Nunca seremos infelizes,
As cordas não mais nos estrangularão,
Deusas e Santa Maria
Não escurecerão nossos olhos!
Ninguém se atreve a nos dar ordens,
Nós expulsaremos os intermediários!
Nunca curvaremos nossas cabeças,
Com os homens lutaremos...
Com grande alegria, trabalharemos,
Marchem em direção às vitórias e façam o bem!”*

Isso é, em suma, um balanço das conquistas sem precedentes das mulheres albanesas, após o triunfo da revolução liderada pelo Partido do Trabalho, conquistas que transformaram também seu mundo interior, elevando sua consciência a um nível jamais sonhado.

Essas grandes conquistas tornam-se mais óbvias quando comparadas com a situação dos dias sombrios do passado terrível. A amargura em relação a esse passado é um meio de transformar as mulheres albanesas em participantes entusiasmadas da construção socialista do nosso país. Elas cantam com alegria a brilhante realidade dos dias atuais:

*“Naquela época de escravidão,
Naquela época de miséria,
Passamos o dobro da vida de escravas,
Sem alegria e sem divertimento.
Mas o partido chegou,
Nos deu vida, luz e música.”*

Nas canções de emigração, cantadas até hoje, as mulheres não apenas relembram a terrível situação econômica do passado, que forçou seus homens a migrarem e causou a dissolução de muitas famílias:

*“Minha alma e coração estão tristes,
Meu marido me deixou durante a noite,
Me deixou chorando dia e noite”,*

Ou sua revolta:

*Aonde você vai?! Queria que estivesse morto!
As belezas da vida nós ainda não experimentamos!*

Mas também cantam as transformações profundas que estão ocorrendo em nosso campo hoje, inclusive nas regiões montanhosas. É isso que o filho escreve hoje para seu pai no exílio em uma famosa canção de Zagoria:

*“Não precisamos mais de dinheiro estrangeiro,
Nunca mais tomaremos a estrada da migração”*

E mais à frente:

*“Estamos orgulhosos, e vocês também deveriam estar,
pois os grilhões antigos foram removidos.
Zagoria e em toda parte
Os frutos de nosso trabalho todos dão!”*

Dentre a vasta gama de canções de profundo sentimento, amor e gratidão dedicados ao camarada Enver Hoxha e seu magnífico trabalho em prol do povo, muitas são compostas por mulheres. Nessas canções, as memórias do passado sombrio destacam, em nítido contraste, a brilhante realidade histórica de nosso país desde o triunfo da revolução socialista:

*“Os dias de dificuldade e dor ficaram para trás,
Por isso, nossa música expressa
Para Enver nosso mais profundo agradecimento”*

e ainda:

*“Onde nossos homens foram convocados
Pelo chamado do partido,
Nós, meninas e mulheres, nunca ficaremos para trás”*

Nas novas canções folclóricas, encontramos mulheres emancipadas em diferentes estágios da construção socialista do país, retratadas como participantes dignas do processo histórico dos últimos trinta e cinco anos do partido, que é, ao mesmo tempo, o processo de desenvolvimento e emancipação completa da mulher albanesa. Dessa forma, elas expressam a confiança das mulheres em suas próprias forças e energias:

*“Viva ao nosso partido,
Por defender nossos direitos e reivindicações,
Podemos prestar muitos serviços*

Em equipes de trabalho, esquadrões e muito mais”.

Essas canções retratam o rico mundo interior das mulheres, sua atividade política e social, a pureza de seus sentimentos como mães e defensoras do novo. Elas falam das iniciativas das mulheres, de seu enorme heroísmo ao lidar com os desafios mais difíceis em novos setores de trabalho:

*“Estou trabalhando incansavelmente
Na nova fábrica de tricô”*

ou ainda:

*“Sou uma modesta vendedora.
Sirvo ao meu povo, sirvo à minha nação,
Os ensinamentos de nosso partido
São muito importantes para mim,
Aproveito minha vida e minha profissão”.*

Ao contrário do passado, quando as meninas não ousavam sair de casa, nem mesmo mostrar sua verdadeira individualidade, casavam-se à força e eram privadas de seus sonhos de amor e felicidade, nossas meninas de hoje são livres para escolher seus companheiros:

*“Nossas noivas hoje lideram brigadas de trabalho,
Nossos noivos competem entre si,
Para conquistar a melhor das moças,
Para ser a mãe de seus filhos”.*

Nossas canções cantam com orgulho a emancipação de nossas mulheres — uma das maiores conquistas de nosso partido. A mais alta avaliação dessas conquistas e a consolidação de seus direitos estão expressas no Artigo 41 da Constituição da República Popular Socialista da Albânia, que é imortalizado nessas significativas linhas da poeta popular:

*“Camaradas, vamos cantar uma canção
Para o artigo quarenta e um....
Abençoe nosso partido pelo que fez,
Para que nós, mulheres, brilhemos,
Para tornar nossa vida ainda mais feliz,
Subiremos cada vez mais alto”.*





ENVER HOXHA

A mulher, libertada da opressão política e da exploração econômica, como uma grande força da revolução, participa ativamente da construção socialista do país e da defesa da Pátria.

A mulher desfruta de direitos iguais aos do homem no trabalho, no salário, nas férias, na previdência social, na educação, em toda atividade político-social, bem como na família.

(Artigo 41 da Constituição da República Popular Socialista da Albânia)